

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

GRÃO-CHANCELER

D. Gilberto Pereira Lopes

MAGNÍFICO REITOR

Prof. Eduardo José Pereira Coelho

VICE-REITORA PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS

Prof.^a Dr.^a Vera Sílvia Marão Beraquet

VICE-REITOR PARA ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS

Prof. Gilberto Luiz Moraes Selber

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Prof. Enildo Galvão Carneiro Pessoa

Endereço para Correspondência:

Revista Notícia Bibliográfica e Histórica

Caixa Postal 1539 - 13020-904 - Campinas, SP

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

ANO XXIV - Nº 145 ISSN-0101-4919 JANEIRO/MARÇO/1992

VIAGEM A SÃO PAULO NO VERÃO DE 1813

por

Gustavo Beyer

Tradução de Alberto Loeffgren

Prefácio e notas de Odilon Nogueira de Matos



NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

DEPARTAMENTO

E HISTÓRICA

VIAGEM A SÃO PAULO NO VERÃO DE 1813

de

por

de

de

AND KAYE, W. M. (1954) - JAMES O'ROURKE

Trabalho de Alberto Figueira

Segunda edição com prefácio

e notas de Otilio Nogueira de Mattos

VIAGEM A SÃO PAULO NO VERÃO DE 1813

por

Gustavo Beyer

Trabalho de Alberto Figueira

Prefácio e notas de Otilio Nogueira de Mattos

Companhia

Instituto de Ciências Humanas da

Pontifícia Universidade Católica

1992

GUSTAVO BEYER

VIAGEM A SÃO PAULO NO VERÃO DE 1813

**Tradução de Alberto Loefgren
Segunda edição, com prefácio
e notas de Odilon Nogueira de Matos**

**Campinas
Instituto de Ciências Humanas da
Pontifícia Universidade Católica
1992**

PREFÁCIO

Com título ligeiramente simplificado, reimprime-se quase noventa anos após a primeira publicação em língua portuguesa, o relato da visita feita ao Brasil pelo médico sueco dr. Gustavo Beyer. Publicado originalmente em Estocolmo, em 1814, foi traduzido pelo dr. Alberto Loefgren, cientista também sueco, que então vivia na capital paulista, e publicado na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, volume XII (págs. 275 a 311), correspondente ao ano de 1907, mas efetivamente publicado em 1908.

A edição original sueca, como de hábito na época, trazia título bastante longo e explícito, que Loefgren adotou fielmente em sua tradução: **Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro à Capitania de São Paulo, no Brasil, no verão de 1813, com algumas notícias sobre a cidade da Bahia e a Ilha Tristão da Cunha, entre o Cabo e o Brasil e que há pouco foi ocupada.**¹

Jamais tendo sido reeditado, tornou-se um dos títulos mais raros da biblioteca “exótico-brasileira”, como diria Alfredo de Carvalho. Todavia, o polígrafo pernambucano não o menciona em seu precioso livro sobre estrangeiros que escreveram sobre o Brasil. No entanto, quando faleceu, em 1916, fazia já quase dez anos que a tradução de Loefgren fora publicada pela “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”.

Dois grandes especialistas em livros raros sobre o Brasil - Rubens Borba de Moraes e Paulo Berger - trazem indicações precisas sobre o livrinho do autor sueco. Borba de Moraes diz dele ser “one of the most interesting travel accounts about São Paulo at the beginning of the last century”.² De seu lado, Paulo Berger, com o cuidado e meticulosidade com

(1) Em sueco: Strodda Anteckningar öfwer en Resa fran Rio de Janeiro till Capítania St. Paulo i Brasilien om Sommaren 1813, tillika med nagra Underrattelser om Staden Bahia och den nyiligen imellan Cap och Brasilien ocuuperade ön Tristan da Cunha, af Gustaf Beyer. Stockhom, Trycht i Elméns och Granbergs Tryckeri 1814.

(2) Moraes, Rubens Borba de - Bibliographia Brasiliana, v. I, p. 105. Revised and enlarged edition. Los Angeles, University of California/ Rio de Janeiro, Kosmos, 1983.

que habitualmente fundamenta suas indicações bibliográficas, informa que o livro, antes de publicado por Elméns e Granbergs, o fora em artigos, em mais de dez números, do jornal de Estokolmo "Almänne Journalen", no mesmo ano de 1814. Como o livro de Berger se refere apenas ao Rio de Janeiro, fez questão de declarar honestamente não ter obtido dados quanto à paginação relativa à capital brasileira constante do livro. Mas, a título de ilustração, reproduz o clichê da página de rosto da edição original.³

O pequeno livro de Beyer tem uma história curiosa. Publicado em 1814, como lembramos, tornou-se logo extremamente raro, já que nunca foi reeditado. Um exemplar do precioso cimélio chegou à biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo por generosa (e honrosa) oferta do próprio rei da Suécia, Oscar II, que, tendo dois exemplares em sua biblioteca particular, dispôs-se a ceder um deles ao Instituto de São Paulo, por intermédio do dr. Alberto Loefgren. Não há na publicação nenhum dado que nos permita saber em que ano tal dádiva foi oferecida. Mas, supomos, não deve ter sido muito antes de Loefgren empreender a tradução, a deduzir de uma ata do próprio Instituto.⁴

Outro pormenor curioso, caso verdadeiramente raro na crônica bibliográfica. O relato de Beyer (na tradução) foi alvo de críticas e comentários mesmo antes de ter sido publicado. E dois renomados historiadores dele se ocuparam: Vieira Fazenda (1846-1917) e Oliveira Lima (1867-1928), ambos residentes no Rio de Janeiro. O primeiro, em artigo de "A Notícia", de 20 de novembro de 1907, e o segundo em dois artigos dados à estampa em "O Estado de S. Paulo", nos dias 9 e 10 de dezembro do mesmo ano. No entanto, a revista do Instituto divulgando o texto integral do viajante sueco só sairia no ano seguinte, permitindo até que os três artigos fossem incluídos no mesmo volume, formando como que um apêndice ao texto de Beyer.

Vieira Fazenda inicia seu artigo contando que se havia relacionado com Alfredo de Toledo, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, durante uma curta permanência deste no Rio de Janeiro e por ele ficara sabendo da próxima publicação do relato de Beyer, inteiramente desconhecido. E acrescentou que, antes de visitar São Paulo, o viajante sueco estivera no Rio de Janeiro, "do qual dava sucinta descrição". Foi quanto bastou para aguçar a curiosidade de Vieira Fazenda, sempre à cata de tudo quanto

(3) Berger, Paulo - Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros, pp. 52-53. Segunda edição, aumentada e revista. Rio de Janeiro, SEEC, 1980.

(4) Ata da sessão de 20 de março de 1905: "O sr. Alberto Loefgren ofereceu ao Instituto um documento que pertenceu a S. M. o rei da Suécia; e consiste em notas de viagem ao Brasil em 1813; tal documento existe na biblioteca particular daquele monarca e foi dele extraída a cópia presente, a pedido do digno consócio, que explicando a procedência declara ser original a sua oferta. O Presidente agradeceu a importante dádiva e pediu ao sr. Loefgren de o fazer também ao referido monarca". Rev. do Instituto, X, p. 579. 1905.

pudesse encontrar sobre o passado de sua cidade. Daí, ter solicitado a Alfredo de Toledo que lhe enviasse cópia pelo menos da parte referente ao Rio de Janeiro. E pôs-se, de seu lado, a procurar informações sobre Gustavo Beyer, recorrendo “aos dicionários de História e aos sabedores desta matéria”. Estranhou não ter encontrado seu nome na relação de estrangeiros ilustres que estiveram no Brasil, organizada pelo Visconde de Taunay e publicada na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, em 1895.⁵ Afinal, depois de alguma espera recebeu o que pedira a Alfredo de Toledo. Este, ao que tudo indica, mandou-lhe cópia das próprias provas da revista, o que lhe permitiu escrever o que publicou no jornal de 20 de novembro de 1907.

Não se sentindo em condições de opinar sobre os resultados da viagem de Beyer - apenas retificou alguns enganos cometidos com relação ao Rio de Janeiro (assunto bem de seu conhecimento) - Vieira Fazenda apelou para os que melhor pudessem esclarecê-lo, citando os nomes de John Casper Branner, Orville Derby, Alfredo de Carvalho e Oliveira Lima. Só este atendeu ao apelo, publicando em “O Estado de S. Paulo”, no mês seguinte, os dois artigos a que já nos referimos.

O apelo a Branner e a Derby, dois eminentes geólogos norte-americanos que trabalharam no Brasil, dá a entender que Vieira Fazenda, de fato, conheceu o relato completo de Beyer e não apenas a parte relativa ao Rio de Janeiro (que é a que mais lhe interessava), pois nesta não há referência alguma a assuntos geológicos para os quais o historiador carioca precisasse apelar a grandes autoridades, enquanto que na parte relativa a São Paulo, cuida o viajante da exploração do ferro na região de Sorocaba, assunto sobre o qual todos os geólogos escreveram, incluindo-se, ainda, entre estes, Eschwege, no século passado, e Pandiá Calógeras, no início do século atual, dois renomados autores por sua vez também evocados por Oliveira Lima.

O tema central dos artigos, tanto de Vieira Fazenda como de Oliveira Lima, era a identificação de Beyer e a razão-de-ser de sua viagem ao Brasil. Oliveira Lima afirma, de maneira um tanto simplista, que “os viajantes dessa época obedeciam todos no geral a móveis comerciais, como Mawe e Luccock, ou a móveis científicos, como Spix e Martius. Seria fácil num e noutro caso conhecê-los, quando mesmo nos fossem alheias suas biografias. Os primeiros abundam em dados econômicos e financeiros, os segundos em dados botânicos, mineralógicos ou zoológicos. Nuns, prevalecia a terminologia bancária, nos outros, a tecnologia particular à história

(5) O trabalho de Taunay, aqui citado, foi tirado em livro pelas Edições Melhoramentos com o título *Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil*. São Paulo (1932).

natural”. E citava o caso do viajante alemão Freyreiss, cujo relato de viagem a Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia havia sido publicado no ano anterior pela mesma “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, também em tradução de Alberto Loefgren.

“Com Gustavo Beyer - continua Oliveira Lima - a coisa é diferente. O que se pode depreender, o que parece pelo menos depreender-se, é que não era de profissão naturalista e que tampouco era homem de negócios. Seus conhecimentos de história natural são taxados de vulgares; suas preocupações mercantis aparecem nulas. Dicionário algum de biografia ou enciclopédia que consulte dá fé dele. É literariamente um esquecido e cientificamente um desconhecido”. E remata sua crítica: “Por que não fazê-lo entrar noutra categoria, modernamente tão desenvolvida, dos viajantes por simples distração, dos *touristes* por desfastio, dos *globe-trotters* por curiosidade?”.

E depois de comentar alguns tópicos do viajante sueco, continua o autor de *D. João VI no Brasil*: “A simpatia de Beyer pela nossa terra e pela nossa gente, a benevolência de suas observações, a ausência de notas ridículas ou malignas são de bom tom, traem o cavalheiro (...) A novidade de sua curta obra está unicamente em que descreve um aspecto paulista do tempo que escapou a outros viajantes coevos ou de que não fizeram suficiente menção, e vem a ser a franqueza e largueza do seu intercurso social. Beyer e von Pahlen eram hóspedes de distinção, e assim foram tratados com primorosas atenções, que não ultrapassaram, contudo, os limites discretos da fina educação. De sua estada em São Paulo guardaram uma lisonjeira e duradoura recordação”.

No segundo artigo, o historiador pernambucano retoma o problema da identificação de Beyer: “Não se trata nem de um homem de ciência nem de um homem de comércio, sim de um homem de posição social”. E, nesse ínterim, ficou sabendo que sua viagem não foi “rigorosamente de prazer”, mas com o objetivo de “cobrança efetiva de uma dívida”. E quem lhe devia era nada menos que o diretor da fábrica de ferro de Ipanema. Mas como a dívida não era tão alta que justificasse tão longa viagem, Oliveira Lima admite não ser fora de propósito “julgar que a curiosidade da terra entrava por alguma coisa na sua determinação”. Da “política” reinante no estabelecimento de Ipanema o texto de Beyer o diz suficientemente.

Diante do interesse que despertou o relato do viajante sueco, Alberto Loefgren procurou obter diretamente na Suécia, por intermédio de um sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

residente em Estocolmo, dr. Göran Bjoeckman, informações mais precisas e seguras sobre Gustavo Beyer. E estas não tardaram a chegar. Conforme nota publicada em o volume seguinte da "Revista" do Instituto, ficou-se sabendo que Gustavo Beyer nascera em 19 de agosto de 1775, na cidade de Ystad, filho de um médico e ele próprio destinado à carreira médica, diplomando-se em 1792 pela Universidade de Lund. Foi médico do Real Almirantado, função que o levou a numerosas viagens - Dinamarca, Inglaterra, Itália, Marrocos -, preocupando-se notadamente com os problemas sanitários da marinha. Demitindo-se dos serviços navais, consagrou-se à pesquisa científica, visando ao estudo das águas medicinais e à introdução, na Suécia, da vacina recentemente descoberta por Jenner. Em 1808, foi nomeado cônsul de Portugal na Suécia.

A propósito da viagem ao Brasil, escreve o dr. Bjoeckman: "A fim de formar um juízo seguro das bases necessárias para o estabelecimento de um comércio ativo entre a Suécia e o Brasil, empreendeu, munido das mais amplas recomendações de S. M. el-rei, uma viagem no outono de 1812; visitou a célebre cidade da Bahia e demorou-se vários meses no Rio de Janeiro. Prosseguiu a viagem até as esplêndidas cascatas de Itu, percorreu a cavalo toda a província de São Paulo (?), examinou as ricas minas de São João do Ipanema perto do rio de Sorocaba, etc. e fez umas belas coleções de minerais, insetos e caramujos, as quais se perderam por ter sido apresado por corsários americanos o navio em que foram expedidas. Do Brasil à Europa voltou ele em um navio de guerra inglês, demorando-se três meses em Londres e chegando a Estocolmo em novembro de 1813.

De volta à pátria, ocupou diversos cargos públicos relevantes, alvo igualmente de condecorações significativas, até o seu falecimento, em 10 de junho de 1852. O relato do dr. Bjoeckmann arrola sete importantes trabalhos científicos de sua lavra.

Diante das informações procedentes diretamente da Suécia, perderam sentido muitas das elocubrações de Oliveira Lima. Aliás, os escritos dos dois ilustres historiadores repercutiram, como não poderia deixar de ser, no Instituto Histórico de São Paulo, como se depreende da ata da sessão do dia 5 de setembro de 1908.⁶

Dois grandes historiadores da cidade de São Paulo ocuparam-se de Gustavo Beyer, transcrevendo trechos de seu relato: Afonso de Escragno

(6) Ata da sessão de 5 de setembro de 1908: "Obtendo a palavra o dr. Alberto Loefgren estendeu-se em considerações a respeito do que se tem escrito sobre o célebre viajante sueco Gustavo Beyer, fazendo a crítica aos artigos publicados pelos drs. Vieira Fazenda e Oliveira Lima; e declarando ter recebido umas notas enviadas pelo dr. F. W. Dahlgren, bibliotecário-chefe da Biblioteca Real de Estocolmo, lê uma interessante memória que escreveu sobre a personalidade daquele ilustre, benemérito e ainda tão pouco conhecido amigo do Brasil. Em seguida o dr. Alfredo de Toledo lê também umas notas elucidativas a respeito desse viajante, referindo-se aos trabalhos já produzidos nesse sentido". (Revista do Instituto, XIII, p. 455. 1908. Reproduzimos, logo após o texto de Beyer, o artigo de Loefgren, aqui mencionado. Das "notas elucidativas" anunciadas por Alfredo de Toledo, nada conseguimos encontrar.

Taunay e Ernani Silva Bruno. O primeiro, no livro *Non ducor, duco*, de 1924, compilação comentada de "notícias de São Paulo" deixadas por vários autores, desde os jesuítas do século XVI.⁷ Por sua vez, Ernani Silva Bruno ocupou-se do viajante sueco num capítulo de seu livro *Memórias da cidade de São Paulo*, no qual transcreve um dos capítulos mais interessantes de Beyer, aquele em que descreve a vida festiva da cidade.⁸

A mesma observação de Oliveira Lima quanto à apreciação que fez Beyer da vida social de São Paulo, na qual o historiador pernambucano vê a única originalidade na obra do viajante sueco, encontramos também em Taunay, ao lembrar que o depoimento do visitante "contraria a pecha de extremo retraimento atribuído aos antigos paulistas", tais foram os momentos de prazer que marcaram sua estada em São Paulo e sempre - coisa rara! - com a participação do elemento feminino.

Estas observações são realmente significativas. São Paulo não foi das regiões mais visitadas pelos viajantes estrangeiros do século passado. Poucos estiveram em São Paulo e estes poucos não permaneceram muito tempo na então minúscula urbe paulistana. Outras regiões do Brasil - Rio, Minas, Bahia - tiveram muito mais que oferecer a seus olhos perscrutadores e indagadores. É verdade que Saint-Hilaire e o reverendo Kidder gostaram muito de São Paulo, mas, na realidade, são exceções, pois de fato a capital paulista tinha pouco para ser apreciado, comparada com outras cidades brasileiras. Daí, a "originalidade" do viajante sueco, lembrada por Oliveira Lima e confirmada por Taunay. Apresenta-nos Beyer uma São Paulo como que desconhecida. Só por isto, cremos, seu livro merece ser lido, se outros méritos não tivesse. Eis porque decidimos reeditá-lo.

Embora já do domínio público, julgamos de nosso dever solicitar do egrégio Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do qual nos orgulhamos de ser um dos sócios mais antigos (desde 1945...) a autorização para aproveitar texto de sua preciosa revista, que nos foi gentilmente concedida pelo médico, historiador e acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho, digno presidente do quase centenário sodalício da rua Benjamin Constant.

Pareceu-nos oportuno anexar ao texto de Beyer os escritos elucidativos de Alberto Loefgren, Vieira Fazenda e Oliveira Lima, aos quais

(7) Taunay, Afonso de E. - *Non ducor, duco*: notícias de São Paulo, 1565/1820. São Paulo, Tip. Ideal, 1924. - Reeditado pela Pont. Univers. Católica de Campinas, em 1980, com o título *Notícias de São Paulo*, intr. e notas de Odilon Nogueira de Matos. As referências a Beyer ocorrem às págs. 110 a 122 da primeira edição e 203 a 209 da segunda.

(8) Bruno, Ernani Silva - *Memória da cidade de São Paulo*, Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura, 1981. Série "Registros", nº 4.

fizemos referência, bem como o capítulo que lhe dedicou Taunay em *Non ducor, duco*.

As poucas e modestas notas que entendemos de anexar aos tópicos onde algum esclarecimento foi julgado necessário, visam, também, a complementar algumas referências bibliográficas e corrigir eventuais falhas e mesmo enganos cometidos pelo autor.

E para finalizar esta já bem longa introdução, algumas palavras sobre o tradutor, dr. Alberto Loefgren (1854-1918), naturalista sueco tal como Beyer e também natural de Estocolmo. Veio para o Brasil pouco depois de formado em ciências naturais pela Universidade de Upsala (1874), integrando uma missão científica organizada pela Academia das Ciências da Suécia. Radicou-se em nosso país, aqui vivendo até o seu falecimento. Fixou-se primeiramente em Campinas, onde exerceu o magistério e trabalhou na Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Transferindo-se para a Capital, integrou a Comissão Geológica e Geográfica criada por Orville Derby, tendo a seu cargo a seção de botânica, sua especialidade. Por sua iniciativa, foi criado pelo governo do Estado o Horto Florestal da Serra da Cantareira, uma das grandes reservas ecológicas da capital paulista. Deve-se-lhe a instituição do "Dia da Árvore", de tanta significação em nosso calendário cívico.

Em 1908 deixou o Estado de São Paulo para dirigir a seção de botânica da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, no Nordeste, o que lhe propiciou escrever diversos trabalhos sobre a região. A partir de 1913, tornou-se um dos diretores do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, cargo que exerceu até o seu falecimento, em 1918.

Residia em São Paulo quando da fundação do Instituto Histórico e Geográfico (1894), razão pela qual se tornou um dos fundadores da prestigiosa e quase centenária instituição. Pertenceu a numerosas entidades científicas brasileiras e estrangeiras. Além de numerosa produção científica na área de sua especialidade (a Botânica), prestou assinalado serviço à cultura brasileira traduzindo para a nossa língua textos importantes da bibliografia histórica e científica. Devemos-lhe, por exemplo, a primeira tradução direta do original alemão do famoso relato de Hans Staden, reconhecidamente o primeiro livro publicado sobre o Brasil (1557); sua tradução, enriquecida com as preciosas notas de Teodoro Sampaio, foi publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo com o caráter comemorativo do quarto centenário do descobrimento do Brasil.⁹

(9) Hans Staden, suas viagens e cativeiro entre os selvagens do Brasil. Trad. da primeira edição original, com anotações explicativas. Edição comemorativa do quarto centenário (do descobrimento do Brasil) promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo, Tip. da Casa Eclética, 1900.

Devemos-lhe, também as traduções das obras de Freyreiss sobre uma viagem ao interior do Brasil,¹⁰ de Lindmann, sobre a vegetação do Rio Grande do Sul¹¹ e de Warming, sobre a Lagoa Santa¹². E ainda a do trabalho de Martius sobre o direito entre os indígenas brasileiros.¹³

Pelos relevantes serviços que prestou à cidade de São Paulo ao tempo em que nela residiu, a municipalidade paulistana tributou-lhe merecida homenagem dando seu nome a uma importante via pública - rua Loefgren -, em Vila Clementino.

Campinas, março de 1992
Odilon Nogueira de Matos

(10) Freyreiss, G. W. - Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814 e 1815, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. XI, págs. 1907. Tirado em volume pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, integrando a coleção "Reconquista do Brasil", nova série, vol. 57. 1982.

(11) Lindman, C. A. M. - A vegetação no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Livraria Universal, 1906. Reedição fac-similar pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, vol. 2, da coleção "Reconquista do Brasil", 1974.

(12) Warming, Eugênio - Lagoa Santa: contribuição para a geografia fitobiológica. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1908. Reedição fac-similar pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, vol. 1º de coleção "Reconquista do Brasil", 1973.

(13) Martius, C. Ph. Von - O estado do Direito entre os autóctones do Brasil, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. XI, págs. 20 a 82 (1907). Tirado em livro pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, na Coleção "Reconquista do Brasil", nova série, vol. 58, (1982).

Os paquetes a vela, que de Falmouth se dirigem ao Rio de Janeiro, aportam sempre na Ilha da Madeira, onde demoram dois dias para deixar o correio da Europa e receber o que se destina ao Brasil. Daí, por igual motivo, dirigem-se à Bahia, o que fazem somente na ida, de novembro até abril, quando o vento alíseo sopra de norte a sul e o equador é transposto entre os meridianos 22 e 26, ao passo que de maio a outubro, quando o vento sopra em direção contrária, este porto é visitado somente na volta.

A Bahia, a segunda cidade depois do Rio de Janeiro, na latitude de 13° sul, com 80.000 habitantes, está situada sobre um promontório alto, perto do mar e avista-se de longe. O seu comércio é vasto e o seu porto é excelente e bem defendido por uma guarnição numerosa. O atual governador da capitania da Bahia, Conde dos Arcos, ex-vice-rei do Brasil, é ainda moço, de qualidades superiores e, sobretudo, de um gênio criador que muito tem contribuído para o aformoseamento deste grande empório, que tão favoravelmente se apresenta aos navios que sulcam o Atlântico sul, sombreado como está por belas bananeiras, mangueiras e coqueiros. Domina a cidade o novo edifício da ópera e ao entrar no porto o viajante é surpreendido por um belo, extenso e bem traçado jardim público que de noite costuma estar caprichosamente iluminado. No meio deste passeio, ergue-se, sobre um pedestal de mármore branco, a estátua do Príncipe Regente, encarando o mar. No declive da rocha, entre o passeio e a praia, foi construída uma formidável bateria de 40 morteiros, o que junto com as outras fortalezas, especialmente uma rotunda com 100 canhões em 3 séries, edificada há pouco no centro da baía, impede qualquer desembarque inimigo. O estrangeiro que ali aporta compreende logo o quanto são erradas as opiniões que ouviu na Europa sobre este país que, muito favorecido pela natureza, ainda não se acha civilizado, apesar da mudança de colônia para nação independente. Igualmente compreende quanto erraram os escritores de viagens que, apenas visitando o Rio de Janeiro, tomaram esta cidade por padrão para julgar todo um território de 60.000 milhas geográficas quadradas, quando eles, se quisessem ter se informado, poderiam ter conhecido o plano para a grande obra de civilização e povoamento do país.

A Bahia possui grandes docas, fábricas de algodão, fumo e aço, tão boas como na Inglaterra. Tem espaçosos hospitais e quartéis para as tropas, que no último ano foram aumentadas com dois regimentos de infantaria e um de cavalaria, comandados pelos respectivos oficiais escolhidos entre os excelentes oficiais do exército português na Europa. Uma esquadra ligeira permanece sempre no porto.

A posição da cidade, no caminho da Europa para a Índia, e a atividade de seus habitantes, criaram aí uma riqueza que dificilmente pode

ser calculada, porém de que é fácil fazer-se uma idéia, sabendo-se que, quando o Príncipe-Regente, no começo de 1808, ali pela primeira vez desembarcou nos seus estados americanos, o corpo comercial por si ofereceu à Sua Alteza Real, caso ele se decidisse a fixar sua residência na Bahia, a quantia de cinco milhões de coroas para edificação de um palácio, além do compromisso de custear a corte toda por espaço de seis meses, despesa que, com toda a segurança, pode ser calculada em um milhão de coroas, o que então não podia ser aceito, por já estar tudo preparado no Rio de Janeiro para receber a família real e toda a comitiva. É pena que este império famoso quase tivesse sido destruído por uma chuva diluvial nos meses de junho e julho últimos.

*

Desde a Bahia não se perde de vista a bela costa brasileira, que apresenta uma cordilheira contínua de montanhas cobertas de vegetação. É preciso vê-la para bem julgá-la. O Cabo Frio é dobrado na latitude 2° 54' sul, este afamado ponto de encontro, tanto para os cruzadores das potências navais, como para os pescadores pacíficos que na sua simples embarcação, denominada linguada (jangada), construída de quatro paus apenas, buscam os mais saborosos peixes para fornecer à população do litoral e aos navios que passam. Em todo o lugar que a vista devassa enxergam-se pequenos navios que, ao longo da costa, no dia seguinte ao de ter dobrado o Cabo Frio, entra-se no grandioso porto de São Sebastião ou Rio de Janeiro. A entrada passa em grandeza a das colunas de Hércules e pode ser comparada a uma porta cujos dois batentes são duas imensas e nuas rochas de granito, das quais a da esquerda é denominada Pão de Açúcar e que, segundo a última medição, tem 800 pés de altura. Os navios passam tão perto da fortaleza de Santa Cruz, colocada no centro da entrada, que com um porta-voz pode-se responder às perguntas que dali vêm, o que é obrigatório, para os que intentam passar em silêncio. Santa Cruz é uma ilha perfeita que cruza o seu fogo com o de todas as fortalezas do porto e dos morros ao redor da cidade. Desses morros, o da Ilha das Cobras é curioso, porque ao pé dele os maiores navios podem ancorar. Na entrada do porto, que tem o comprimento de algumas léguas suecas, a vista se deleita com uma porção de ilhotas encantadoras que gozam de uma primavera eterna e das quais emanam os mais agradáveis aromas. Entre elas a Ponta do Caju (Ponto de Acajou, no original), onde reside o almirante inglês Sr. Dixon, é a mais aprazível pela sua situação. Os paquetes ancoram de preferência diante do palácio que, com a cidade, terá uma curta descrição.

O desembarque é feito numa praça quadrada, um pouco maior do que a praça de Gustavo Adolfo, em Estocolmo e onde, no lado do mar, existe um cais de quadros de granito munido de degraus e de assentos. No centro deste cais há um reservatório de água em forma de obelisco, com inscrições, e uma água fresca e cristalina que jorra de cabeças de cobras e de dragões. A água lhe vem de uma fonte distante duas léguas, de onde é conduzida para todos os lugares públicos da cidade por aquedutos que são verdadeiras obras primas de construção. Ao redor deste obelisco sempre se encontram bandos alegres, cantantes e barulhentos de negros que aí vêm buscar água que conduzem na cabeça em vasilhas de madeira parecidas com tonéis. Do lado do mar a água é conduzida para os navios em calhas e bombas. Por causa de aglomeração constante desta gente estão ali postadas sentinelas para manter a ordem.

Os três lados da grande praça são ocupados por edificações; à esquerda o palácio do Príncipe Regente; no centro a capela real; de frente do reservatório e à direita, fronteira ao palácio, uma outra casa grande. Os edifícios todos têm sacadas onde damas, cavalheiros e pajens se divertem durante as horas frescas do dia, respirando os aromas que se desprendem das numerosas flores aí colocadas. A praça é bem nivelada, calçada de granito e coberta de uma areia quartzosa e brilhante. De noite, especialmente ao luar, ela é muito freqüentada. Nesta praça, chamada **Largo do Paço**, e paralela à capela real, tem começo a rua principal, a chamada **Rua Direita**, de onde partem todas as outras ruas em linha reta, um tanto estreitas mas munidas de passeios laterais para os pedestres.¹⁴ Atravessadas estas ruas nota-se que a cidade está muito bem colocada num promontório quadrado rodeado de água por três lados e terminando no quarto lado por montanhas ornadas de uma rica vegetação. Apesar desta posição, tão excelente para o comércio e a navegação, seu porto seguro, incomparável e bem defendido, capaz de abrigar todas as armadas do mundo, seu luxo e sua riqueza, a cidade do Rio de Janeiro, com seus 130.000 habitantes, não constitui, todavia, um dos mais saudáveis lugares do grande continente americano. Colocada num vale au niveau do mar, na latitude de 23° sul, perto do Trópico de Capricórnio e Zona Tórrida, rodeada de altas montanhas, que produzem constantes chuvas ou 177 dias chuvosos no ano, termo médio, e cuja água, por falta de canais, se estagna dentro do seu perímetro, origina disso uma umidade nociva ao organismo e uma porção de insetos molestos, dos quais há aí maior

(14) O Largo do Paço e a rua Direita correspondem às atuais Praça 15 de novembro e rua 1° de Março.

abundância do que em qualquer outro lugar do Brasil. Os descritores de viagens têm-se, além disso, ocupado tanto com esta capital e suas curiosidades, que uma descrição minha seria apenas uma repetição inútil do que já se conhece, além de que o governo já deliberou sanar os erros cometidos por ocasião da primitiva construção da cidade, quando se consideraram apenas o porto e o seu comércio.

Desta deliberação governamental já existem, aliás, bastantes provas desde a vinda da Europa do Príncipe Regente que deu uma nova direção a tudo nestas ricas regiões. No ano passado inauguraram-se uma academia militar e uma escola botânica. A biblioteca real, com 80.000 volumes e 4.000 manuscritos, foi posta em ordem, assim como a famosa coleção mineralógica de Freyberg foi enriquecida com 90 espécies de diamantes pelo Sr. da Câmara.¹⁵ O Collegium Medicum, de organização complicada, foi dissolvido, recebendo um outro nome com três professores apenas; um belo edifício para ópera foi construído no Campo da Ciganha e fizeram-se os alicerces para o novo Banco e a Casa da Moeda. Muitos palácios foram concluídos e outros começados por famílias nobres e ricas vindas da Europa, evidentemente porque pretendiam afixar-se. O novo Jardim Botânico, na Praia do Freitas, ostenta no seu terreno as mais raras plantas importadas de outros continentes; a fruta do pão, a árvore da cânfora e o arbusto do chá afixam-se bem; este último é cultivado por uma colônia chinesa e promete uma aclimação proveitosa desta planta índica na América do Sul. Algumas fábricas de pólvora são construídas pelo tenente-general de Napion, para aproveitar a inesgotável quantidade de salitre do país e o seu produto tem chegado ao preço de um shilling a libra, do que resulta o Brasil poder exportar esta matéria de defesa à mãe pátria. Em Santos há uma fábrica de fusis e de canhões, sob a superintendência do mesmo general.¹⁶

*

(15) Referência ao Intendente Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá (1764-1815), que por muitos anos exerceu a Intendência do Distrito Diamantino, na comarca do Serro Frio, Minas Gerais. Para sua vida e obra, v. *O Intendente Câmara*, de Marcos Carneiro de Mendonça, São Paulo, Editora Nacional, 1958, vol. 301 da Coleção "Brasiliana".

(16) Carlos Antônio Napion, militar italo-luso-brasileiro (1758-1814), veio para o Brasil na comitiva do Príncipe-Regente. Dedicou-se a fundar e organizar estabelecimentos fabris necessários à organização militar do Brasil, bem como cuidar das fortificações do Rio de Janeiro. Nomeado em 1812 inspetor e fiscal da Fábrica de Ferro de Ipanema, nas proximidades de Sorocaba, em São Paulo. Deixou diversos livros técnicos e foi escolhido patrono do "Quadro do Material Bélico" do Exército brasileiro. Alberto Loefgren, em nota à sua tradução, informa que Napion fora, em 1800, com José Bonifácio e Martim Francisco encarregado de uma viagem mineralógica no interior de Portugal, "comissão que desempenhou satisfatoriamente."

Limitando com o Rio de Janeiro, a Capitania de São Paulo é tida como o paraíso do Brasil por causa da sua altitude, seu ar saudável e fresco, suas ricas minas e seus habitantes hospitaleiros, conhecidos na história brasileira pelo nome de paulistas. O estrangeiro que viaja nesta parte da América sem os visitar sofre uma perda real, assim como o naturalista e o filósofo, que aí encontrarão mui favoráveis elementos para a investigação e para a meditação. Era agora no meio do inverno (o melhor tempo para tal viagem), parecido com o verão na Suécia, exceto serem os dias e as noites igualmente longos, que tomei esta resolução, porque não teria de expor-me ao calor abrasador nas excursões geológicas nas montanhas. O meu companheiro de viagem era o Conde Nicolas von Pahlen, de São Petersburgo, moço, amável e estudioso, tão excelente literato quanto conhecedor do mundo em virtude de viagens pelos principais países europeus. Tudo foi posto em ordem para esta viagem que, por causa de sua extensão e falta de comodidades, pela maior parte no dorso de mulas, não pôde deixar de ser dificultosa.¹⁷

Apesar de o Brasil não ser mais considerado colônia, o estrangeiro encontra, todavia, dificuldades em viajar sem passaportes e recomendações, do que nós estávamos abundantemente munidos e dos melhores. A viagem dos "dois noruegueses" para o interior era logo o assunto das conversas em todas as rodas, porque poucas pessoas havia que, depois de terem permanecido por anos do Rio de Janeiro, tivessem tido a curiosidade de ver São Paulo, tão afamado aliás por sua situação e suas belezas naturais. Em toda a parte ofereceram-nos recomendações para as mais distintas pessoas da capitania, entre as quais tenho a honra de contar com o reconhecimento perpétuo S. Exa. o Marquês de Alegrete, atual governador geral, o bispo dom Manuel de Souza e o ouvidor dom Nuno Stiplitz, de origem sueca pela linha materna, as mais altas autoridades do país.¹⁸ Com o capitão de um pequeno navio contratei a viagem para Santos por um dobrão ou 16 piastras espanholas, tendo o cuidado de prover-me dos mantimentos necessários, armas e arreios, e no dia 1º de março, pela manhã,

(17) O Conde von Pahlen, diplomata russo, serviu no Rio de Janeiro de 1812 a 1814, passando, depois, a servir em Washington e em Munique.

(18) O Marquês de Alegrete, Capitão-General D. Luís Teles da Silva, governou a Capitania de São Paulo de 1811 a 1813, passando, depois, a governar o Rio Grande do Sul. Quanto ao bispo, incidiu Beyer num engano. A diocese paulistana, ao tempo de sua viagem, era ocupada por Dom Mateus de Abreu Pereira, bispo desde 1797 até o seu falecimento, em 1824. Alvitra Alberto Loefgren que Beyer tenha feito confusão com Dom Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade, que posteriormente sucederá a Dom Mateus, mas que, na época era vigário-geral da diocese, portanto a segunda maior autoridade eclesiástica da cidade. Estranho o equívoco, porque Dom Manuel não tinha "Souza" no nome.

Quando ao ouvidor, trata-se de D. Nuno Eugênio de Lossio Seibnitz, que exerceu a ouvidoria de 1813 a 1821. Foi, depois, o primeiro presidente da província de Alagoas (de 1824 a 1828).

embarquei para sairmos imediatamente, aproveitando o terral, o vento da terra. Além do Conde von Pahlen e de mim, havia mais passageiros, entre os quais um oficial que, por distinção na guerra em Portugal, tinha sido promovido para as tropas no Rio Grande do Sul, para onde devia fazer a viagem por terra durante mais de quatro meses depois da chegada em Santos. A nossa provisão viva de galinhas e perus tinha sido consideravelmente aumentada por nossos amigos que, sem o nosso conhecimento, os mandaram a bordo, de modo que não somente havia abundância, mas ficava ainda bastante para obsequiar os outros passageiros que haviam contratado a sua comedoria com o capitão.

Em vez de um passaporte comum, tinha eu o que se chama uma portaria, assinada pelo ministro dos negócios estrangeiros, o Conde das Galvêas, ordenando em nome do Príncipe Regente a todas as fortalezas e registros - lugar da revisão da bagagem, etc. - e a todas as autoridades que me deixassem passar livre e sem embaraços.¹⁹ Apesar de conhecer o valor deste documento no Brasil, não podia imaginar que também me desse direito à hospedagem, tratamento e transportes gratuitos, e que não são retribuídos pela coroa. Em casos difíceis tem-se até o direito de assinar P. R. (Príncipe Regente) e ninguém pode então recusar a hospedagem. Mas apesar de nem eu nem o Conde von Pahlen julgarmos próprios de nós aproveitar de todas estas liberdades, é necessário confessar que na maior parte dos lugares no interior de São Paulo a hospitalidade é tão grande que não nos deixaram pagar coisa alguma, parecendo até que consideram isso um tributo devido ao estrangeiro que constantemente recebe as mais significativas provas de bondade e de benevolência.

Depois de já dado o sinal para a partida, chegou a bordo um oficial da fortaleza Villegagnon para revistar os documentos do navio e dos passageiros e notou que os primeiros não estavam conforme manda a lei. Por ter havido nisso um desfalque nas rendas da coroa, fez ele prender o capitão e levou-o para ser interrogado na polficia. Este acontecimento imprevisto, que retardaria a saída por muitos dias se o caso tivesse de ser tratado como é de praxe, passou, porém, sem conseqüências, porque o mesmo oficial que o provocara teve a gentileza de dirigir-se, em nome do Conde von Pahlen e meu, ao governador geral do Rio de Janeiro, que considerando a nossa situação a bordo, ordenou a soltura do capitão, de modo que dentro de duas horas pudemos estar em caminho.

Não há muita comodidade a bordo destes navios, mas são os únicos que existem, não querendo ir em canoas que navegam ao longo da costa aportando cada noite. Isso, porém, é arriscado por causa dos roubos

(19) D. João de Almeida de Melo e Castro, quinto Conde de Galvêas, ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros do governo do Príncipe-Regente D. João, de 1812 até o seu falecimento em 1814.

pelos caboclos ou pelo perigo de encontrar tempestades. Sem leito e sem cabina, dorme-se no tombadilho ou no fundo da canoa e uma esteira constitui toda a cama. Não se deve, porém, exigir comodidades quando se viaja na costa brasileira, porque há compensação nos muitos lugares magníficos e belezas naturais que somente do lado do mar se apresentam em toda a sua plenitude. A comida nestes barcos corresponde às comodidades e é impossível para um europeu, apesar de haver diariamente carne e toucinho mas que perdem o seu valor pelo modo do preparo. A carne do Rio Grande é cortada rente aos ossos em tiras finas e longas que, depois de secas, são enroladas. Para preparar esta carne põe-se de molho para depois assá-la num espeto. O toucinho sem carne é de gosto e cheiro desagradáveis e para não deteriorar, é fortemente salgado e pendurado ao lado do navio para secar. Com isso recebem uma espécie de feijão preto cozinhado com farinha de mandioca até formar uma massa compacta que, depois de dividida em grandes bolas, é comida com as mãos. A mandioca é o pão dos brasileiros, tanto no mar como em terra, especialmente em forma de farinha que vem em pequenos cestos. Essa farinha tem um gosto tão agradável que pelo costume se torna até preferível ao pão, mesmo para os estrangeiros.

Nesse dia passamos Santa Cruz, a grande propriedade do Príncipe Regente, situada na Ilha Grande.²⁰ AfS. Alteza Real vem passar uns meses no ano em companhia de sua família e de seus ministros. A propriedade tem cem léguas quadradas em área e é, portanto, do tamanho de um pequeno ducado. Destina-se essa fazenda a um campo de experiências agrícolas e foi muitas vezes dirigida por agricultores ingleses. Como todos os melhores lugares no Brasil foi esta propriedade organizada pelos jesuítas, que eram os seus donos e que, para julgar pelas “rudera”,²¹ de certo não deixaram de tirar lucro das vantagens que a natureza af lhes oferecia. O palácio, que antes era um convento, é edificado em quadro com um pátio aberto e galerias interiores no primeiro e segundo andar. Os 36 quartos destinados aos padres, são pequenos, mas transformados e decorados para a família real. Em frente do palácio, ao sul, há um belo parque de duas léguas suecas quadradas, cortado por dois ribeirões navegáveis por pequenos navios, e cujas margens são ornadas com árvores indígenas de rara beleza. Todo o campo é um prado grande e verdejante onde pastam uns sete a oito mil bovinos e merece ser reproduzido pelo pincel de um mestre. Os trabalhos são executados por dois mil escravos que são todos instruídos na doutrina cristã, possuindo cada um seu pedacinho de terra e dois dias livres por semana para trabalharem para si, sem contar os dias santificados.

(20) Erro crasso cometeu Beyer ao colocar a Fazenda Santa Cruz em plena Ilha Grande...

(21) Parece tratar-se de plantas freqüentes nas ruínas de construções antigas.

O tempo estava magnífico, mas o vento nos foi contrário até o dia 9, quando passamos entre a terra firme e a ilha de São Sebastião, que é uma das mais férteis e onde está situada a Vila Nova da Princesa. A ilha dos Porcos²² vem em segundo lugar e possui um ponto regular em que os navios procuram abrigo contra as tempestades ou quando o vento é contrário. É escassamente povoada e não tem mais que 60 habitantes, dos quais 32 pertencem a uma só família, a do sargento Manuel José de Moura, que, de duas núpcias, teve 30 filhos, todos ainda vivos. A ilha é rica em peixe e a sua posição é muito favorável para contrabando, razão porque há aqui um destacamento de soldados para vigiar os navios e botes que entram. Pertence a ilha à cidade de Ubatuba, a duas léguas dali, na terra firme; cultivam a cana de açúcar, a mandioca e fabricam aguardente. Demorei ali alguns dias na casa de um velho chamado Vasco, oriundo do Porto e que habitava na ilha havia 40 anos. Fui convidado para um casamento que já durava uma semana com danças e folguedos. Cada tarde dançavam lundu e danças brasileiras, ao som da cítara acompanhada de vozes fortes e, como aqui somente há gente abastada, os homens vinham às danças em botas claras de couro de cabrito e grandes esporas de prata, cujo tilintar, junto com o bater dos saltos no soalho, acompanhava a música. Estalavam também os dedos para imitar castanholas. Fazendo a conta do que se matava aqui diariamente em boi, vitelo e porco e toda a sorte de aves, junto com a quantidade de frutas, café, cachaça, açúcar e arroz, acreditar-se-ia facilmente que estavam esperando a hospedagem de um batalhão inteiro. Para honrar a festa auxiliei o trabalho para a grande canoa que era destinada a transportar uma deputação da ilha dos Porcos para o Rio de Janeiro, a fim de pedir ao Príncipe Regente a concessão da partilha dos terrenos da ilha entre os habitantes.

Ao longo da costa de São Sebastião enxergam-se lindas casas e todos os morros mostravam plantações de mandioca e de cana de açúcar que agora estavam colhendo para levar aos engenhos. Nas praias há casas de armação para a pesca das baleias que daqui até Santos é negócio bastante lucrativo para os habitantes e para a cidade. A coroa arrenda esta pesca a particulares, por anos determinados, tal como em Santa Catarina. Apanharam um dia um peixe-boi, *Trichechus manatus* L., que os índios chamam Ignaragua, do tamanho de um boi e com a mesma boca e dentes, de modo que deve, como este, alimentar-se de capim. A cabeça é arredondada e parece a de uma mulher. O couro é duro como o do elefante e o animal tinha dois braços com os quais nadava e por baixo havia duas tetas para alimentar os filhos, o que prova ter sido uma fêmea. O gosto da carne não era desagradável

(22) Atualmente Ilha Anchieta, outrora uma colônia penal.

e a banha, especialmente ao redor da cauda, tinha gosto de manteiga. Os seus ossos são brancos como o marfim e têm a mesma aplicação.²³

Na outra margem do canal, na terra firme e no meio de um bonito bosque, divisa-se um grande convento franciscano, rodeado de coqueiros, laranjeiras e bananeiras, o qual, além de outras vantagens naturais, parece estar edificado a propósito para garantir aos frades excelente pescaria. Calmaria e contínuo vento contrário facultavam-nos bastante lazer para visitar todas as curiosidades de São Sebastião e suas vizinhanças, de modo que somente no dia 13 ancoramos na baía de Santos. Já ao raiar do dia ouviu-se o canhoneio da fortaleza, repetido ao meio-dia em honra do aniversário do Príncipe Regente, quando passamos no estreito canal ornado em ambas as margens de campos cultivados e altas montanhas. Longe da cidade vê-se a casa da quarentena num excelente lugar, quase todo rodeado de água e nele tudo se reúne para agradavelmente impressionar o estrangeiro recém-chegado.

Logo chegou um escaler, isto é um bote coberto e a dez remos, cujo comandante tinha ordens do governador da Silva a quem a minha chegada estava anunciada, para vir buscar-me. Nesta visita o comandante disse-me que o sr. Marquês de Alegrete lhe ordenara que me hospedasse no Palácio do Governo, um antigo convento de jesuítas, espaçoso e bem situado, e me proporcionasse todas as comodidades necessárias pelo tempo que pretendia demorar-me em Santos. O Conde de Pahlen, de cuja chegada o Sr. Silva nada sabia, compartilhava comigo estas finezas e, depois de termos entregues as nossas cartas de apresentação a vários funcionários da coroa, recebemos as mais lisonjeiras provas de estima e de benevolência e é com a maior gratidão que nos lembramos do sr. Oliveira Pinto, intendente da marinha e comandante da flotilha, cuja gentileza para com os estrangeiros em geral é tão grande quanto o são os seus méritos militares.²⁴ Santos é uma cidade pequena, com 4.000 habitantes, tem forte comércio com a América Espanhola e exporta para a Europa, pelo Rio de Janeiro, grande quantidade de açúcar e arroz que é considerado o melhor do Brasil. A sua população aumenta anualmente, como em todos os empórios comerciais, ao passo que o número dos frades diminui em consequência de maior instrução e governança sábia. Vários conventos não continham mais de dois ou três e o maior só abrigava um frade entre seus muros.

(23) As formas corretas na língua indígena seriam, segundo Rodolpho von Ihering, iuaraná ou guaraguá (Dicionário de animais do Brasil, p. 517, Brasília, 1968).

(24) Miguel José de Oliveira Pinto, aqui citado como Intendente de Marinha, fez parte do triunvirato que substituiu o Marquês de Alegrete no governo da Capitania de São Paulo em 1813 e do governo provisório constituído em consequência do movimento popular de janeiro de 1821. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1847.

Durante os dias 14 e 15 visitamos a cidade e as suas curiosidades e fizemos uma excursão nos arredores para colecionar caramujos. No dia 16 embarquei no mesmo escaler às oito horas da manhã, passando por um canal natural de três léguas de comprimento e considerado um dos mais belos do Brasil, ornado como está, de ambos os lados, por palmeiras, coqueiros e mangueiras, em cujas copas enxergam-se e ouvem-se as mais belas aves da América. Nas margens e quietas sobre a areia, descansava uma porção de aves aquáticas e tartarugas e por toda a parte pulavam peixes, tudo livre das armas e das redes dos homens. Neste canal tranqüilo quase não se chega a admirar uma bela vista quando já se divisa outra ainda mais bela e todas elas bem merecedoras de serem reproduzidas.

*

O desembarque é ao pé de uma montanha enorme chamada Serra do Cubatão que parece ter sido colocada pela natureza como limite extremo para o viajante curioso, mas, depois de ter pago um imposto aduaneiro insignificante pelas pessoas, animais e bagagens, recebido pela alfândega do Cubatão, arrendada a uma casa inglesa, May Coppental & Co., sobe-se em mulas esta parte da cordilheira. O caminho em zigue-zague, de ângulos curtos, é protegido por um parapeito, ladrilhado e continua até a altitude de sete mil pés, levando a subida cerca de duas horas. De cima, oferece-se a mais deslumbrante vista que talvez haja no mundo. A montanha toda coberta de mata, musgo e plantas pequenas, é formada de granito e de um grés ferruginoso; dos altos precipitam-se massas de água formando lindas cascatas passando por caminhos que a arte lhes cavou no próprio granito e em muitos lugares cruzam a estrada antes de caírem no abismo. A mata cobre a maior parte da serra e se desenvolveu de tal modo por cima do caminho que não somente o protege contra os raios solares como até contra as chuvas que raramente faltam.

Como o dia era claro pudemos melhor apreciar esta obra gigantesca. Quatro a cinco caminhos em zigue-zague pareciam em muitos lugares correr acima de nossas cabeças e davam novos ensejos de admiração por uma obra para cuja conclusão foi necessário vencer tantos obstáculos naturais e aplicar milhões de cruzados que foram gastos para derrubar a mata, construir tão longo caminho através da própria rocha e finalmente calçá-lo com lajes. Tudo contribui para dar uma alta idéia de energia do brasileiro e

sua inclinação para grandes empresas. Poucos trabalhos desta natureza na Europa podem se considerar superiores a este e, quando se leva em conta a população tão escassa nas proximidades e mesmo aqui, se compreendem as enormes despesas que acarretou e que talvez em nenhum outro país se tenha lutado com tantas dificuldades como estas.

Já mencionei que todos os transportes são feitos por tropas e devo aqui descrever uma cena que presenciei no Cubatão. Defronte da casa do guarda, num grande espaço plano, cujos lados são ocupados por armazéns e outras casas, trouxeram uma centena de mulas para serem arreadas e carregadas com as mercadorias que em canoas chegaram de Santos. O sossego e a compreensão deste animais durante o arreamento são comparáveis unicamente à perícia dos carregadores, especialmente os pretos, de repetir a carga igualmente nos dois lados. A carga é fixada sobre uma cangalha feita de palha e coberta de couro cru com dois cabeços para cima e nos quais se fixam as cargas, sendo o mais difícil evitar que a cangalha pise o animal pelo atrito. As mulas são amarradas umas às outras pelas caudas e como elas assim caminham em linha, são necessários apenas poucos tropeiros, a cuja voz elas seguem e obedecem.

Serra acima o terreno é plano e muitos lugares parecem-se com paisagens de Skane e Uppland, havendo aqui estradas para veículos de rodas. Tudo é diferente do que já tínhamos visto. Com um céu completamente puro, respira-se um ar saudável e os próprios habitantes não se parecem com os seus patrícios das capitânicas vizinhas. Julga-se ver uma outra raça mais parecida com os suíços. Os camponeses são corteses e hospitalares e em casa de cada um deles pode-se obter um grogue, ovos e bom caldo de galinha com gemas de ovo e farinha de mandioca. À noite passamos no Mariano, uma casa insulada numa grande mata e onde mudamos de animais. Fomos aí obsequiados com uma boa ceia e camas, o que, depois de um dia inteiro de viagem a cavalo, nos era extremamente agradável, tanto para o estômago como para o corpo todo. No dia seguinte, logo cedo, chegou um oficial da guarnição da cidade de São Paulo, da parte do governador que tinha sido prevenido da nossa chegada, para nos dar as boas vindas a esta capitania e comunicar que ele teria muita satisfação em nos receber e nos hospedar no Palácio do Governo (outro grande convento de jesuítas), se S. Exa. não soubesse que em virtude de recomendação dos nossos amigos do Rio de Janeiro, isso já estava arranjado na casa do cônego João Ferreira. Já tínhamos o prazer de conhecer a família desse senhor, mas nada sabíamos de sua

incomparável gentileza que ultrapassava tudo quanto era lícito esperar-se mesmo no país mais hospitaleiro.²⁵

O mesmo oficial nos comunicou que o sr. governador tinha dado ordem para nos fornecer cavalos para continuarmos a viagem. Durante alguns dias passamos por bonitas plantações de cana de açúcar e de mandioca, mas muitos campos havia ainda sem cultura por falta de habitantes. Atravessamos também alguns rios pequenos em cujas proximidades se viam colônias novas situadas à sombra de laranjeiras e bananeiras. Os cavalos que nos foram mandados chegaram no dia 19 com duas ordenanças de cavalaria e pudemos então deixar nossas mulas e apressar a viagem, de modo que às quatro horas da tarde chegamos a São Paulo, onde apeamos na casa do referido cônego João Ferreira, que nos recebeu amavelmente, já tendo convidado algumas pessoas para jantarem em nossa companhia. Entre elas estavam o coronel Andrada, grande naturalista, cujo irmão e um sr. da Câmara há alguns anos visitaram a Europa, inclusive a Suécia.²⁶ À noite fomos visitar o governador geral, Marquês de Alegrete, que nos recebeu

(25) O cônego João Ferreira de Oliveira Bueno era natural de Santos e filho de João Ferreira de Oliveira e d. Maria Bueno, trisneta de Amador Bueno da Ribeira, o "Aclamado". Formado em cânones pela Universidade de Coimbra, foi nomeado cônego da Sé paulopolitana a 14 de junho de 1781 e faleceu a 6 de maio de 1830, instituindo herdeiro universal o seu sobrinho desembargador João de Sousa Pereira Bueno. Eleito pelo povo e tropa, fez parte do governo provisório de São Paulo em 1821-22, e escreveu a narração de uma viagem ao Paraná, em 1810, narração que se acha estampada no tomo I da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" (Nota do tradutor).

(26) O coronel Martim Francisco Ribeiro de Andrada nasceu em Santos em 1774, bacharelou-se em matemáticas na Universidade de Coimbra, foi um dos grandes vultos da independência nacional, membro do governo provisório de São Paulo em 1821-22, deputado à Assembléia Constituinte de 1823 pelo Rio de Janeiro, à Assembléia Legislativa em duas legislaturas (2ª e 4ª), ministro da Fazenda em 1822-23 e em 1840. Fez em 1805 uma viagem mineralógica pela Capitania de São Paulo, cujo Diário foi publicado no vol. IX da "Revista do Instituto Histórico Brasileiro", que também publicou em seu tomo 45 seus **Jornais das viagens pela Capitania**. Faleceu em 3 de fevereiro de 1844.

O irmão do coronel Andrada que visitou o Velho Mundo foi José Bonifácio de Andrada e Silva que o correu como naturalista e mineralogista durante dez anos, desde os verdes campos da Lombardia até a gelada Suécia e Noruega, tudo observando e notando com a perspicácia e penetração do sábio. Nasceu ele em Santos aos 13 de junho de 1763 e faleceu em 6 de abril de 1838. Foi um patriota e um sábio e bem mereceu o título de Patriarca da Independência do Brasil com que a posteridade o galardoou (Nota do tradutor). Sobre "um sr. da Câmara", v. a nota nº 15).

rodeado da força e do brilho próprios destes altos dignitários, porém isso não nos impressionou tanto quanto o modo amável e cortês com que ele sempre recebe os estrangeiros, assim como as muitas instituições novas que ele tem organizado na capitania e que lhe têm merecido o amor e a estima de todos.

*

Aqui é costume o viajante receber primeiro as visitas, o que no nosso caso se estendeu a todas as classes e corporações e, somente depois de ter pago as visitas todas, foi que pude ocupar-me em passeios pela cidade e examinar as suas curiosidades. São Paulo está situada num bonito morro de cerca de uma légua de perímetro, rodeado de campos e prados, regados e cortados por pequenos rios que durante o tempo das chuvas o tornam quase uma ilha, unindo-se todos ao rio Tietê que, a uma légua da cidade, corre na direção sudoeste. A cidade foi iniciada pelos jesuítas e tem o seu nome do primitivo templo cujo padroeiro foi o apóstolo Paulo. Esse templo foi inaugurado a 8 de fevereiro de 1554, por ocasião do batismo do príncipe indígena Tibiriçá (Tavariça, no original), moço dotado de grandes virtudes e excelentes qualidades e que governava a colônia que naquele tempo se chamava na língua dos índios **Piratininga**, que significa peixe seco, por causa dos muitos peixinhos que ficavam em seco quando, depois das chuvas, o rio Tamanduatef, que cerca a cidade, diminuía as suas águas que tinham inundado as várzeas. Mais tarde, quando os portugueses ocuparam a cidade, São Paulo foi proclamada capital, em 1581, em vez de São Vicente, a primeira cidade, construída por Martim Afonso de Souza, em 1531.²⁷

Em todo o continente americano não se conhece lugar mais saudável. A média do termômetro fica entre 50 e 80 graus Fahrenheit (10-27), nem chuvas extraordinária, nem trovoadas excepcionais se produzem e as noites são de modo a tornar necessário vestir o sobretudo. É sede do Governador Geral, dum Bispo e dum Ouvidor. Há várias praças públicas com chafarizes, 13 instituições religiosas, das quais oito igrejas, três conventos de frades e um de freiras, a maior parte, como as casas da cidade, construídas de taipa, que muito resiste ao tempo, um hospital excelente e boas barracas para as tropas. A população da cidade e seus subúrbios é calculada em mais de 15.000 pessoas, incluindo o clero e os militares. Os primeiros são de princípios liberais e o bispo, seu chefe, é um homem de

(27) Engano de Beyer. São Paulo só se tornou efetivamente sede de governo da Capitania no início do século XVIII. Até então foi esta função exercida por São Vicente.

méritos literários que fez várias viagens à Europa e muito tem contribuído para a tolerância e o esclarecimento que se notam nesta capitania. As tropas de todas as armas são em número de dois mil homens, divididos em legiões. A milícia é numerosa porque o serviço militar é obrigatório. O corpo médico é pequeno, tanto em número como em conhecimentos, excetuados os do hospital e das legiões. Em geral os farmacêuticos servem de médicos e de seus armários distribuem sabe Deus o quê, porque pode-se comprar deles ferraduras com a mesma facilidade com que um ferreiro vende vomitórios, e segue-se disto que ainda não existem aqui as associações de ofícios. São raros em São Paulo os casos de moléstia e não há epidemias, mas na vizinhança das minas vi freqüentemente caboclos com grandes inchações nas glândulas do pescoço, o que antes se pode atribuir ao costume de carregar tudo na cabeça, do que ao clima. Este costume é tão inveterado que muitas vezes se encontram pessoas que carregam assim uma garrafa vazia ou outro objeto pequenino. Esta inchação difere do estroma dos Alpes por ser mole e se estender às vezes de uma orelha a outra. A varíola, que antes fazia grandes estragos, como em outros lugares dos trópicos, é prevenida por um instituto vacinogênico, instalado no Palácio do Governo, sob a proteção do governador geral. A vacinação aí é gratuita, como em todos os outros países bem governados e com o mesmo resultado feliz.

Apesar de não haver fábricas nem manufaturas de importância, além das metalúrgicas, há em São Paulo diversas indústrias, entre as quais merece menção em primeiro lugar a das rendas, de largura e fineza excepcionais, em geral ocupação das mulheres. Fazem também tecidos de algodão de várias cores e qualidades, destacando-se os mosquiteiros com que se cercam as camas e que são tão finos que nenhum mosquito pode atravessá-los. Há também as redes com grandes barras feitas à mão e nas quais se dorme a sesta no canto de algum quarto. Servem igualmente de cama em viagens armadas entre duas árvores ou dois postes. Obras de ouro ou de prata de toda espécie, principalmente trabalhos de filigrana, ocupam muita gente. Nos arrabaldes moram muito crioulos índios que fabricam potes de barro, de grande consumo, porque é uso geral preparar neles a comida e carregar água. Muitos outros objetos são fabricados de barro e com muito bom gosto.

Os camponeses das proximidades da cidade têm por principal atividade a criação de galinhas e de porcos que em grande quantidade conduzem para a cidade. Abastecem o mercado também de uvas, ananazes, pêssegos, goiabas, maçãs, pêras, marmelos e a fruta do pinheiro da terra, que assam e comem como castanhas. Legumes são produzidos com abundância durante o ano todo: inhame, repolho, couve-flor, alcachofra, espinafre, aspargo, alface e muito agrião. Há batatas européias, batata doce, ervilhas,

melancias e toda espécie de feijões e cebolas, e, além disso, encontram-se por pouco preço galinhas, gansos, pombas, marrecos e perus.

*

Os habitantes da capitania de São Paulo distinguem-se de todos os outros americanos por sua civilização e boa aparência. Fogosos, bravos e sinceros, tornavam-se sempre temidos nas antigas guerras com os espanhóis e os índios, sendo militares por natureza. Ocupam um território maior do que a França apesar de não serem mais do que uns 250.000. O homens, ainda que tenham empregos civis, são todos militares, pertencendo aos regimentos de milícia com obrigação de servir no caso de invasão inimiga e é esta a razão porque se encontram todos trajando os mais ricos uniformes, o que, como é natural, tanto realça esta sociedade. Os postos de coronel pertencem em geral aos comerciantes de primeira classe. Os militares são divididos em três categorias: a primeira, a contratada, é paga pelo Estado e marcha para onde for mandada, até fora dos limites do país, como acontece agora, para o Paraguai; a segunda, a milícia, fica sempre no país e recebe da coroa as armas, o uniforme e a montaria; em certas épocas do ano faz exercícios; a terceira, as ordenanças, compõe-se de soldados velhos das outras categorias e serve para policiamento no país, nas alfândegas, barreiras, registros e obras públicas para fiscalizar e tratar com os escravos. Não há grande mistura destas categorias e em cada corpo encontra-se a mesma cor entre os homens; os negros pertencem aos contratados e trajam uniforme branco. Mas, apesar do espírito guerreiro que reina nesta capitania, há também pessoas que amam o comércio e outras que se distinguem por conhecimentos científicos.

As mulheres são em geral bonitas, bem feitas e extremamente encantadoras no seu modo de ser. Nunca vi olhos mais expressivos, dentes mais bonitos e pés mais mimosos do que nelas. Poder-se-ia crer estar em Estocolmo. Canto e música são talentos comuns que elas revelam com a mesma graça e facilidade. O primeiro consiste principalmente nas conhecidas modinhas e os instrumentos mais frequentes são o piano, a harpa, o violão, e o órgão; deles o mais comum é o violão, tocado até entre o povo do campo. Simples no trajar, distinguem-se, todavia, as paulistas por um gosto excepcional e, apesar de viverem num país onde o ouro e os brilhantes abundam, usam-nos raras vezes. Com um simples enfeite de flores naturais ornaram o seu comprido e escuro cabelo, arranjado e fixado com ricos pentes. As flores no cabelo, dadas de presente, são verdadeiras provas de graça e bem

querer, comparáveis apenas à dança depois do jantar na Suécia, ambas reservadas por muito tempo e ambas destinadas ao feliz correspondido. Elas são bastante sensíveis à lisonja e se orgulham de ser paulistas; são inexcedíveis nas pequenas intrigas e, como me foi contado, partilham com as mulheres da Europa o gosto pelas superficialidades, mas são menos constantes que estas. Raras vezes ocupam carruagens nos seus passeios pelo campo ou viagens maiores; preferem montar a cavalo, no que têm grande habilidade. Quando montam, vestem uma saia comprida que lhes esconde os pés, com gola vermelha e enfeitada de galões ou de bordados a ouro. Aos 13 ou 14 anos costumam casar e é raro ver uma paulista solteira.

Cada terra tem seus costumes, assim também São Paulo, e em poucos lugares a polidez é mais exagerada do que aqui. Quando um estrangeiro pela primeira vez visita uma família, é recebido pelo dono da casa que lhe oferece a “sua amizade, seu coração e sua casa, como se fosse a dele”, o que de modo nenhum deve ser tomado como uma simples fórmula. Quando o hóspede se retira, o dono da casa chega primeiro à porta, não para dizer uma amabilidade, mas para mostrar que o hóspede é o dono da casa, acompanha-o até o último degrau e, muitas vezes, até à rua. Isso é tão comum, como o é o costume de fazer presente de um objeto que a pessoa gaba; por exemplo, na viagem às minas encontramos um capitão Ferreira que montava um cavalo bonito e de excelente andar e como eu por acaso o dissesse, quis ele presentear-me com o animal, do que com muita dificuldade pude declinar. Tais casos se dão frequentemente e no começo embaraçam muito os estrangeiros que, por isso, são tidos por menos bem educados.

O tempo para depressa num país onde se gozam de tantas finezas como em São Paulo. Passamos uma semana inteira em divertimentos, entre os quais, além de bailes e teatros, devo mencionar um passeio organizado pela Marquesa de Alegrete no outro lado do rio Tietê, onde nos divertimos o dia inteiro. Muitas senhoras casadas e moças bonitas compunham a comitiva que, toda unida, partiu da cidade acompanhada por um enxame de ordenanças e criados. Outro dia, o governador geral ordenou manobras das tropas no “Campo da Santa Luz”, a que milhares de pessoas vieram assistir a pé.²⁸ Os uniformes das legiões e os seus movimentos mereciam todo o aplauso, distinguindo-se especialmente a artilharia. De tropas estranhas havia um regimento de cavalaria com 800 homens, de Minas Gerais, provavelmente um dos mais brilhantes regimentos do mundo, o qual estava de passagem por São Paulo para se juntar ao exército brasileiro acampado

(28) O topônimo correto é Campo da Luz, no bairro do mesmo nome, onde se realizavam exercícios militares.

no Paraguai, perto do limite com o domínio da Espanha. Todo o metal dos arreios era de prata maciça e como eles pertenciam a famílias mineiras daquela rica província, estavam adequadamente equipados. Contaram-me que no regimento nenhum homem havia que não tivesse a soma de mil coroas na algibeira. O seu comportamento também era o melhor possível. Do campo de exercício e acompanhando as tropas com música e bandeiras desfraldadas, seguiam todas as damas e cavalheiros que, em número de 50, tinham sido convidados para passarem a tarde no palácio.

No dia 23 chegou a notícia da entrada do exército russo em Berlim, acontecimento que foi festejado com uma representação no teatro particular que o Marquês de Alegrete havia mandado construir no palácio e onde estrearam somente os seus ajudantes e algumas poucas damas. Seguiu-se no dia seguinte um grande jantar com concerto e brilhante baile.

*

No dia 25 empreendi a viagem para as minas em companhia do sr. Elboque, tenente-coronel em São Paulo, o ajudante-general sr. Dankwardt, capitão de artilharia montada, e o sr. Huntley, comerciante inglês, além de cinco criados e uma escolta de dois dragões e um sargento que por ordem superior tinham de tomar conta de nossa bagagem e prestar os serviços necessários. Todos iam montados, inclusive o conde von Pahlen e eu. O caminho seguia na direção sul, atravessando Jaraguá, Ponanduba, Itu, Porto Feliz, São João de Ipanema, Sorocaba, Cotia e São Roque, ao longo do rio Tietê, que atravessamos em vários lugares por pontes compridas. Para não sermos surpreendidos por homens ou animais ferozes guardamos a seguinte ordem: 1º dois criados pretos; 2º o sargento; 3º os viajantes, dois a dois, de modo a podermos conversar; 4º três criados com a bagagem, cozinha e cantinas; 5º dois dragões, todos com fuzis.

Tietê é um rio especialmente curioso, porque corre do litoral para o interior, onde se torna mais fundo e mais largo, servindo de comunicação entre Rio, Santos e São Paulo ao norte e os distritos ricos de Cuiabá, Mato Grosso, Paraguai, Rio da Prata, Potosi, Chiquisaca e uma grande parte do Peru, ao sul.²⁹ Suas margens são encantadoras. Tem 23 cachoeiras que tornam difícil a viagem porque em muitos lugares é preciso

(29) A navegação do Tietê só tinha início em Porto Feliz, após ultrapassada a zona encachoeirada do rio. Portanto, não é exata a afirmação do autor quanto a servir o Tietê de ligação entre São Paulo e o Rio. Esta ligação era quase toda marítima, via Santos.

conduzir por terra as canoas, únicas embarcações que servem para este rio. Ele se une com os rios Paraná, Pardo, Sucuriu e Sorocaba e, há pouco, o governo deu ordem para explorá-lo por hábeis oficiais de marinha, dos quais se esperam interessantes descrições.

Jaraguá, que pertence ao ex-governador Horta, é conhecido pela quantidade excepcional de ouro aí extraído há duzentos anos, quando era considerado o Peru brasileiro. Hoje, porém, não é mais assim, apesar de continuar a extração. O terreno ao redor é montanhoso e desigual; a própria montanha parece composta de gnaiss com hornblenda cuja superfície é vermelha e contém ferro. O ouro é encontrado em estratos de pedregulho com ouro, chamados “cascalho”, que se retira do morro com uma picareta chamada “almocafre”. Este cascalho é colocado em bacias de madeira, denominadas “bateias”, onde é lavado com movimento constante e despejado pelos negros que durante o trabalho ficam no meio do riacho, que é regulado de modo a não ter correnteza demasiada. A porção que é lavada cada vez pode ser de umas seis a oito libras e compõe-se de quartzo, pirita e óxido de ferro. O ouro que contiver ficará no fundo pelo próprio peso específico e difere muito em quantidade e tamanho de suas partículas, das quais algumas são tão pequenas que boiam, ao passo que outras chegam ao tamanho de uma ervilha e até maiores. A fiscalização do trabalho é feita por inspetores que, para bem avistar os negros, sentam-se à sombra, num lugar alto perto do trabalho. O processo mais comum é secar o ouro e entregá-lo ao oficial que o pesa e tira um quinto, que é para a coroa. Depois, funde-se o resto com Murias Hydrargyri em forma de barras que são quilatadas e marcadas pelo seu valor intrínseco, do qual dão um atestado impresso que sempre acompanha a barra. Atualmente não é mais permitido deixar circular ouro em pó ou em barra, porque todo ele deve ser amoedado de acordo com a moeda do país que pelo seu valor exato é entregue pelo banco. Jaraguá tem grandes terrenos, extensas matas e boa caça de veados, nhambus e outros animais. A lavoura, que seguiu à mineração do ouro, tem progredido muito e o trabalho é executado por 50 negros ou escravos que, aqui como em outros lugares, pertencem ao inventário e são vendidos como o gado, valendo atualmente 150\$000.

A mina aurífera de Ponanduba é menos explorada que a de Jaraguá por falta de água, mas é mais rica. Um terço desta mina é propriedade do sr. Dankwardt, que, por ter rebentado e removido um grande morro que até então impedia a vinda da água, deu a esta uma direção conveniente que prometeu aos proprietários uma rica extração. Rebentar morros com pólvora era tão pouco conhecido que, antes de ceder ao sr. Dankwardt a terça parte pela direção técnica dos trabalhos, o dono primitivo de Ponanduba julgou

poder destruir a montanha por meio de grandes fogos que aqueciam a superfície, sobre a qual depois se deitava água, mas como o efeito era insignificante, esteve quase a abandonar a exploração. Todos os pequenos rios nessa zona contêm ouro, mas tão pouco, que em muitos lugares não compensa empregar na extração mais do que um ou dois negros, ao passo que a lavoura está completamente abandonada.

É triste ver como está inculta e deserta essa parte de São Paulo, cuja fertilidade produziria cem por um e num clima tão saudável, ao passo que o proprietário, com sua sede de ouro, vive na necessidade de tudo e encara com indiferença a riqueza que a natureza lhe colocou aos pés. É tido como remunerador o trabalho que rende ao dono uma pataca por negro e por dia, porque a manutenção do negro é avaliada apenas na terça parte, o que, calculado sobre um grande número, dá um bom lucro, razão porque, tanto no campo como nas cidades desta capitania, pessoas há que empregam seus capitais na compra de escravos que, trabalhando para outros, constituem o seu único, mas rendoso meio de vida. Mais longe e antes de chegar à cidade de Itu, o terreno é cultivado e todos os campos são plantados com cana e ao pé de cada rio encontram-se engenhos e alambiques movidos por água. Os vales são cheios de gado, caracterizado tudo por satisfação e bem-estar.

*

Itu tem uma boa catedral³⁰ na qual há bons quadros da história da igreja. Convidados pelo vigário, com quem jantamos em casa do capitão Marcelino, para visitar a catedral, mandou ele repicar os sinos à nossa chegada, mas não o fizeram porque um outro prelado, que nos devia receber, lembrou-se de que esta honra de modo algum podia ser feita a dois hereges do norte, como éramos eu o conde. O vigário, habituado a ser obedecido, mostrou visível descontentamento, mas não podia de forma alguma fazer o seu colega concordar nesta fineza para conosco. Mas quando ele, finalmente, lembrou-lhe um trecho da última notícia que tinha vindo da Europa, de que o príncipe Kotusov tinha mandado conduzir a imagem de Nossa Senhora diante do exército russo quando ia combater os franceses, inimigos cruéis de Portugal, e forneceu assim a prova mais evidente de que os russos, como os outros povos do norte, eram católicos, o colega, aparentemente convencido,

(30) É no sentido de "matriz" que o autor emprega o termo "catedral" para designar a principal igreja de Itu. "Catedral" é termo empregado para a Sé episcopal, portanto apenas em cidades que sejam sedes de dioceses, o que Itu ainda não é.

humildemente pediu desculpas e gritou para a torre: “toquem, rapazes”. A alteração entre os dois eclesiásticos era perfeitamente ouvida, mas os sinos dobraram em Itu e nós saímos debaixo de bênçãos.

Viajando pelos arredores de Itu é impossível não notar que toda a gente da classe baixa tinha os dentes incisivos perdidos pelo uso constante da cana de açúcar, que chupam sem cessar e conservam na boca em pedaços de algumas polegadas. Quer em casa, quer fora dela, não a largam e é possível que esta também seja a causa de haver ali mais gente gorda do que em outros lugares. A classe superior gosta também de doce, pelo que recebeu a alcunha de “mel do tanque”, isto é, o melhor melado produzido na fabricação do açúcar. Os próprios bois e os burros também participam da mesma inclinação e encontram-se eles, tal qual seus condutores, mastigando cana. É um refresco para todos durante o calor.

A elefantíase é uma moléstia bastante comum em Itu e é crença geral que ela se cura melhor com exortações e pelos santos do que pela medicina. A causa deste mal ainda não foi descoberta.

Em caminho visitamos a conhecida cachoeira do Tietê denominada “Salto de Itu”, que tem uma extensão de um quarto de légua com largura correspondente, parecendo destinada pela natureza para grandes fábricas e sem muito trabalho. Mas, apesar disso e apesar de que os açudes, que no Brasil custam tanto trabalho, já existem pelo acaso, não há nesta imensa cachoeira mais que um só monjolo para socar milho.

*

A seis léguas de Itu e à margem do mesmo rio, está a cidade de Porto Feliz, donde partem todas as expedições militares quando se dirigem para o sul, ao Paraná, Mato Grosso e Rio Grande e que recebem daqui ferro, sal, munição e o vestuário que o governo anualmente fornece às tropas. Estavam aqui várias divisões de grandes canoas, destinadas a uma expedição secreta mandada pelo ministério de D. Rodrigo, conde de Linhares, presidente do Conselho e ministro da guerra, mas, por sua morte, foram as canoas guardadas em telheiros próprios. Em cada canoa cabem 80 homens com armas e todo o necessário, menos a água, e todas são feitas da preciosa “peroba”, de cujo tamanho pode fazer-se uma idéia sabendo que uma canoa destas é feita de um só tronco. Ao pé da cidade há a grande montanha calcárea denominada “Araraitaguaba”, nome este que conserva do tempo dos índios e que significa “comer cal”, porque nos meses de janeiro e fevereiro chegam

aqui milhares de papagaios e outros pássaros americanos que comem cal antes de pôr os ovos. Em Porto Feliz hospedamo-nos em casa do capitão Ferreira, irmão do cônego Ferreira, de São Paulo e, como ele, acumulou-nos de finezas. A uma légua da cidade fomos recebidos pelo capitão-mór, a primeira autoridade, e vários oficiais que, juntos com o capitão Ferreira, do mesmo modo, nos acompanharam na partida. Tivemos aqui, pela primeira vez, a felicidade de almoçar e jantar em companhia das senhoras da casa. Em todos os outros lugares estávamos sempre a sós com o dono da casa e os cumprimentos recíprocos eram feitos por intermediários.

Pouco além de Porto Feliz deixamos o Tietê para nos dirigirmos diretamente ao rio Sorocaba, que passamos em canoas. Os animais passaram a nado, atados uns aos outros pela cauda. Aqui começa a verdadeira região de exploração mineira e por toda a parte há ouro e ferro, porém não em tal abundância como em São João de Ipanema, a algumas léguas distante, onde, numa extensão de dez léguas suecas, se encontra um minério de 80 a 85 % de ferro, à flor da terra e com matas numa extensão dupla. Há vários anos funciona aqui uma fábrica, atualmente dirigida por um sueco, sr. Hedberg. Na mesma ocasião estabeleceram-se mais duas fábricas de ferro, uma em Tijuco pelo Barão von Eschwege, e outra em Minas Gerais pelo afamado mineralogista sr. da Câmara, que o mundo científico conhece desde suas viagens pela Rússia, Suécia e Alemanha. Mas nenhuma nem outra tem dado bons resultados para os proprietários.

A superintendência de Ipanema é exercida por uma "junta", de que o diretor é membro e o capital de movimento está em ações de que o governo possui um terço. A fábrica encontra-se próxima ao rio Sorocaba que fornece a água necessária e está projetada para trabalhar com dois foles e cinco fornos, dos quais um deve estar em descanso. O trabalho é executado por cem negros, além dos crioulos. Os açudes são feitos de pedra lavrada e todas as obras internas são feitas das mais lindas madeiras do Brasil, cortadas numa serra bem montada e por meio da queda d'água do próprio rio conduzida até a fábrica. O lugar mais rico, porém, é a montanha chamada "Araçoiaba" ("Goraçaiaba", no original), ordinariamente denominada "Morro do Ferro", a meia légua de distância da fábrica com a qual se comunica por uma estrada nova e larga.

Em relação ao fabrico do carvão, julgou-se por muito tempo que as madeiras brasileiras não prestavam por causa da sua dureza, porém a experiência do sr. Câmara convenceu do contrário. Imaginava-se também que a fabricação de ferro no Brasil prejudicaria a Europa e suplantaria a importação da Suécia, porque o aproveitamento dos recursos próprios seria

de grande valor, caso uma guerra entre a Inglaterra e as potências do Norte impedisse a exportação dos artigos de primeira necessidade. Ignorância topográfica foi a causa desta opinião errônea, ou seria isso um meio de afastar a concorrência? Em todo o caso, despertou-me a atenção e para melhor conhecer as condições fui mais umas vinte léguas adiante. Ferro em quantidade somente há na capitania de São Paulo e, se alguma vez as fábricas forem aperfeiçoadas, havendo alguma sobra para vender, será necessário transportá-la até o porto de exportação mais próximo, que é o Rio de Janeiro, ou então, ao longo da costa que tem 300 léguas e, neste caso, o processo é o seguinte: em Ipanema o ferro é carregado por animais, por causa da falta de boas estradas, até a serra do Cubatão onde desce 7.000 pés num declive forte, de modo que a carga não pode ser grande. De Cubatão, onde se pagam direitos por ser a alfândega arrendada, o ferro é conduzido algumas léguas em canoas até a cidade de Santos, lugar em que é baldeado de novo para pequenas embarcações cobertas para ser conduzido por 30 léguas ainda, até o Rio de Janeiro, onde, finalmente, pode ser exportado. Considerando agora que todo este trabalho é pago em ouro, vê-se que o ferro fica tão caro que não pode dar lucro algum, mormente quando já existe uma exportação remuneradora de café, açúcar e couros e não pode concorrer em preço com o ferro europeu. Segundo o meu modo de pensar, o resultado final dos novos projetos, isto é, se fossem executados, será apenas que uma das mais interessantes províncias do globo poderá produzir para si todo o ferro de que precisa.

*

A duas léguas daqui está a cidade de Sorocoba, que tem o seu nome do rio que a atravessa. É muito espalhada, mas escassamente habitada, sendo notável por seus curtumes de couros de cabra, suas redes de algodão e a grande renda que a coroa aqui arrecada do segundo imposto sobre todos os cavalos, bestas e bois que, em estado selvagem nos campos, são conduzidos até aqui, para irem a São Paulo ou Rio de Janeiro. O primeiro imposto é pago em Curutiba na divisa da capitania. Hospedamo-nos todos em casa do coronel Francisco de Aguiar, um homem abastado que pôs uma casa inteira à nossa disposição e nos recebeu do modo mais amável. Em Sorocoba, alterei meu intento de continuar nessa direção, onde já vi mais o interessante, e decidi, em vez disso, visitar as minas de diamantes em Minas Gerais, na companhia do conde de Oyenhausen, que fazia parte das tropas dali, e que necessitava de novo equipamento e novos animais, porque os que

tinham servido até agora já estavam imprestáveis. Um acontecimento infeliz, porém, privou-me de fazer esta viagem para uma das mais ricas partes do Brasil e a mais interessante para o mineralogista. Voltamos a São Paulo por Cotia e São Roque e chegamos no dia 5 de junho à tarde, recebendo-nos aí o nosso amável hospedeiro cônego Ferreira, que estava completamente paramentado (*in pontificalibus*) para o Santo Ofício na catedral, convidando-nos para assistir e ouvir boa música. Tudo estava em preparação para, no dia seguinte, festejar o Espírito Santo, correspondendo à nossa festa de "Corpus Christi", com a diferença, porém, de que em cada cidade do Brasil e também nas aldeias grandes, há um chamado "imperador", eleito por sorteio que, por meio de subscrição, mantém em sua casa lauta mesa durante os dias em que a festa durar. O "imperador" preside a esta mesa vestido de coroa e manto com brilhantes e cetro na mão. Durante estes dias goza ele de todas as honras; as tropas lhe fazem continência e na igreja ele entre em procissão e tem o primeiro lugar. Numa casinha de madeira construída expressamente na praça da igreja e brilhantemente pintada, recebe ele, sentado em seu trono, as oferendas que lhe são devidas e que em geral consistem em vitualhas que depois são repartidas entre os pobres. O ofertante apresenta a sua oferta na cabeça e ajoelha diante do trono; o imperador agradece fazendo o sinal da cruz. Tudo isto é efetuado com tal cerimônia, tal ordem e tao circunstanciadamente e todos são tão ricamente vestidos que parece mais uma festa asiática. A festa começava com música na catedral, esplêndidamente iluminada, e onde encontramos todos os nossos conhecidos. Fogueiras e rojões havia em todas as praças e, à noite, passou-se em casa do imperador, que era moço e cujo pai antes tinha exercido esta dignidade durante muitos anos.

O dia seguinte, ou Corpus Christi, passou-se em divertimentos que pertenciam à festa. O próprio bispo celebrou a missa em duas igrejas onde a música era excelente. Todas as senhoras estavam ricamente vestidas com sedas de cores e com flores em vez de mantilhas, com rendas largas e que servem especialmente para ir às igrejas. Os cavalheiros todos trajavam uniformes de gala. O governador geral tinha lugar separado, onde estava com o seu estado-maior e, de frente dele, sobre o seu trono, estava o jovem "imperador" com coroa dourada e uma grande corte. Durante toda a cerimônia religiosa, que não acabou antes das quatro horas da tarde, a guarnição, pelo lado de fora, apresentava armas e dava salvas com as espingardas enquanto rojões subiam aos ares. No mesmo dia os franciscanos ofereciam um jantar para cem pessoas. Fomos convidados - eu e o conde -, mas como já estávamos comprometidos para o grande jantar do "imperador", ficamos em situação difícil, tanto mais por desejarmos muito

assistir ao jantar no convento, o que talvez nunca mais tivéssemos ocasião de fazer. Para isto, deu-se a seguinte solução: todas as damas iriam jantar com o "imperador" e os cavalheiros com os monges, para depois encontrarem-se na casa de "sua majestade". O convento é espaçoso, limpo e bem situado. O bispo recebeu os convidados num grande salão, onde eles, genuflexos, beijavam-lhe a mão, que o próprio governador também teve de fazer ou, pelo menos, aparentar. Durante toda a festa o governador deu o lado direito ao bispo, apesar das incessantes recusas deste.

Como em toda parte, a conversa tinha por assunto a guerra contra a França e o ódio a Napoleão, que nem aqui é livre das maldições do púlpito, e que nesta parte do mundo certamente não tem um só partidário. É necessário lembrar que isto foi em junho do ano passado (1813). Finalmente soou a campainha do refeitório do convento e os convidados foram conduzidos por um extenso corredor até a sala de jantar, onde todos se acomodaram ao longo de uma imensa mesa que quase vergava sob o peso do que poderia haver de superior e melhor nesta terra. Em todos os cantos da sala havia mesas para os trinchadores. O serviço era feito exclusivamente por noviços e bebiam-se os melhores vinhos europeus como se estivéssemos em qualquer capital do velho continente. Não posso negar que o jantar era tão alegre e livre como interessante por sua raridade, e tão pouco posso negar que debaixo destas sotainas negras, que em geral se distinguiam pela tristeza e menosprezo do mundo e dos homens, encontrei pessoas distintas, não somente instruídas, como respeitáveis na sua vida social. As saúdes mais notáveis eram: depois do brinde, em honra Real Família de Bragança, das nações que enfrentava Napoleão, a russa e a sueca, e foi para mim imensamente agradável, tão longe da pátria, em tal, companhia e em tal lugar, ter a felicidade de beber à saúde do meu rei e do grande príncipe, cujos feitos foram enaltecidos neste Novo Mundo. Terminado o jantar às sete horas da noite, fomos convidados a uma outra sala para a sobremesa, cuja quantidade excede a toda descrição. Numa grande mesa quadrada, todas as frutas e todos os vinhos da América do Sul, acompanhadas dos mais finos vinhos europeus e cerveja branca e preta, o que, aqui, é uma grande raridade, para cuja conservação são necessárias boas adegas. No centro da mesa, a figura de uma mulher representava a América com uma cesta de frutas numa mão e noutra uma pequena garrafa de vinho; ao redor dela, formando escada, uma porção de doces secos envoltos em papel colorido, o que muito se prestava para presentes às damas, razão porque a pobre América foi logo despojada dos ricos doces que guardava e levada para a Sociedade Imperial, onde iria servir nos jogos de prenda, muito em voga em São Paulo.

É costume ir ver os ricos ornatos do “imperador” e isto se espera especialmente dos estrangeiros. A coroa de ouro maciço e muito bem trabalhada pesa quatro marcos (949 gramas) e pertencera aos jesuítas, que por ocasião de sua expulsão a deixaram no muro de um convento, onde foi achada com outros valores. O cetro também é de ouro maciço e pesado e o manto é de seda branca com peles, constelado de pedras preciosas que provavelmente não pertencem ao “imperador” e são pedidas por empréstimo para a ocasião. No dia 8 houve a festa do “imperador” na vila de Santo Amaro (Santo Amor, no original), a três léguas de São Paulo, e para a qual tinha sido convidado o governador com sua família, assim como todas as pessoas gradas, pelo vigário que teve a bondade de também nos convidar. Os convidados formavam uma caravana muito grande, a cavalo, e de ambos os sexos e, apesar de cair uma chuva muito forte, todos preferiam a montaria às carruagens, que apenas transportavam algumas senhoras idosas.

Esteve brilhante a festa em Santo Amaro, que tem uma bonita igreja. Depois de entregues as oferendas ao “imperador” e saciados os pobres, passamos aqui dois dias em divertimentos com canto, música e dança que sempre acabavam em serenatas em honra das damas, depois de já recolhidas em seus aposentos. O vigário de Santo Amaro é um prelado ilustrado que na sua paróquia tem introduzido muita coisa útil, sendo por isto estimado e amado por todos. Nos dias 10 e 11 preparei todas as coleções que tinha feito em São Paulo e dispus tudo para a viagem a Minas Gerais. No dia 12, toda a sociedade foi convidada para um baile de despedida e ceia que o conde de Pahlen, eu o sr. Dankwardt oferecemos em reconhecimento por todas as gentilezas que nos foram dispensadas. Por um problema de espaço, realizou-se este baile na chácara do coronel Wartzé, que, pelas atenções do sr. Dankwardt, foi muito bem iluminada, tanto dentro como fora. As honras casa, conforme o costume da terra, foram feitas pelas exmas. sras. dona Maria de Loureiro e dona Mariana Velasco de Portugal, que tiveram a bondade de incumbir-se desta tarefa, contribuindo muito para a boa ordem de tudo. Os convidados, em número de 150, pareciam todos satisfeitos. Entre as danças, executaram-se lindos trechos do grande compositor do Rio de Janeiro, sr. Marcos Portugal, modinhas brasleiras e outros bonitos cantos. À mesa, foram brindados a Família Real, o governador geral e as paulistas e o baile continuou, com ininterrupto serviço de refrescos, até três horas da madrugada, quando os convidados se retiraram.

No dia 13 deixei São Paulo, onde o conde von Pahlen ainda ficou, e em companhia do capitão Dankwardt, um condutor e dois criados, parti para o Rio de Janeiro, via Cubatão e Santos. Na mesma noite chegamos à Ponte Alta, perto da cordilheira, onde pernoitamos, pretendendo continuar a viagem logo cedo, quando o meu criado, um europeu, teve a louca lembrança de nos assassinar, a mim e ao sr. Dankwardt, de noite, quando dormíssemos. Depois de ter fechado as portas e as janelas, de modo a não deixar ninguém entrar nem sair, correu ele para o nosso quarto e com um sabre ameaçou ferir o sr. Dankwardt, em cujo auxílio eu, sem um momento de hesitação, corri ainda meio dormindo. Duas graves feridas na cabeça, duas no braço esquerdo e uma contusão na mão direita, demonstravam que o assassino infelizmente aproveitara o seu tempo. Repugnando-me estendê-lo com um tiro de pistola, enquanto ainda tinha esperança de impedir o seu intento pela força física, continuei esta luta desigual, unicamente com as minhas mãos para, se possível, tirar-lhe a arma e prendê-lo, o que não consegui sem quebrar o sabre com golpes furiosos. Meio desfalecido pela grande perda de sangue não pude evitar a sua fuga, porém, no dia seguinte, os dois soldados que lhe mandamos ao encalço, acharam-no trepado numa árvore, onde havia passado a noite de medo das onças que nestas paragens pouco atacam as pessoas pacíficas. Quando deu entrada na cadeia de São Paulo teve um acesso de fúria, pelo que foi transportado para o hospital. No inquérito verificou-se que ele pretendia primeiro atacar-nos à pistola, e como estas estavam munidas de fechos de segurança, que ele não conhecia, temos razões para atribuir a isto a nossa salvação.

As extraordinárias provas de amizade e de interesse que tive, tanto do governador Marquês de Alegrete, como de muitos outros paulistas, serão sempre lembradas com a máxima gratidão. Pouco a pouco voltaram as forças e continuamos a viagem serra abaixo, onde, na divisa da capitania, separei-me do sr. Dankwardt, que voltou para São Paulo. Mas, devido à minha moléstia, só cheguei ao Rio do Janeiro no dia 12 de julho. Já havia chegado ao Rio a notícia do que me acontecera em Ponte Alta, com o triste aumento de que, no caminho, eu havia falecido...

*

Em nenhum país do mundo se encontram tão poucos aleijados como em São Paulo. Não me lembro de ter visto um só durante minha viagem nesta capitania, viagem que espero concluir com as seguintes observações.

Além de sua posição favorável e salubre, São Paulo tem em si mesmo em abundância tudo quanto é necessário para o bem-estar e pode-se ter a certeza de que onde existem necessidades é isso devido à falta de vontade para trabalhar e não de ocasião para ganhar e adquirir todas as comodidades da vida. Tudo ali há por preços reduzidos, com exceção de roupas para ambos os sexos, por ser artigo de importação, apesar de o país produzir lã e algodão em abundância. Quando São Paulo compreender a utilidade das fábricas e chegar o tempo da sua instalação, esta capitania terá dentro de si mesma tudo quanto é preciso para ser independente das demais. Uma casa na cidade, suficiente para abrigar decentemente uma família, não custa mais que 600\$000 e nenhuma dificuldade há em encontrar uma chácara perto da cidade pelo mesmo preço e onde se poderá produzir carne de toda a qualidade, toucinho, peixe, queijo, manteiga, legumes, toda espécie de frutas próprias do clima, galinhas, pombas, marrecos, gansos e perus, além de café, açúcar, aguardente, vinho, milho, pimenta, arroz e mandioca e ainda lã, algodão, etc.. O gado, nos lugares onde se pratica a atividade pastoril, é do mesmo tamanho que o gado inglês, porém na maioria das fazendas ele é menor. A carne é saborosa e o preço comum de um boi é atualmente de 2,5 a 8 mil réis, quando conduzido para a cidade e apenas a metade no campo. As vacas podem parir em geral dois bezerros de cada vez (sic). Na província do Rio Grande, o gado é tão numeroso que um boi é obtido por duas patacas e em muitos lugares abate-se o gado unicamente para aproveitar o couro, enquanto a carne é deixada para os cachorros bravos que percorrem essas paragens do Brasil. Ali, mas somente naquela província, a gula tem introduzido um modo estranho de preparar o rosbife. Do animal ainda vivo, corta-se da coxa uma comprida e grossa tira de carne com couro que se costura e assa no chão sobre um fogo brando. Conservando todo o suco natural, este prato é bastante saboroso. Os pelos são destruídos pelo fogo, de forma que o aspecto é agradável. Este costume, porém, só se encontra entre as famílias nômades, viajantes, caçadores de negros, mas, como a civilização e os costumes europeus já se espalharam neste país, é de supor que se ensinem àqueles vagabundos do Rio Grande que há também outros modos de preparar a sua "grande francesa".

Os cavalos são excelentes e existem em grande quantidade, por sete ou oito mil réis, já domados. São apanhados bravos como os bois, por meio de uma corda com um nó na extremidade, chamada laço. Em pleno galope jogam este laço no pescoço do animal, que eles depois montam até cansar, ficando então domado. A grande quantidade de cavalos produzida no país é provavelmente a causa de todos os paulistas serem bons cavaleiros e é sabido que como tais são respeitados pelos vizinhos e pelos inimigos. As

mulas são apanhadas e domadas pelo mesmo sistema e são geralmente empregadas nos carros e nos transportes entre Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Cuiabá e Curitiba, onde diariamente se encontram grandes tropas de ida e vinda, em geral carregadas com um peso de 300 libras, que transportam na incrível distancia de 200 a 300 léguas suecas. Não imaginava que pudesse haver uma luta igual entre o homem e o animal, como quando uma mula xucra tem de ser domada. Chama-se também a isso “quebra-mula” e não se pode deixar de admirar a destreza com que os cavalheiros hábeis se jogam de uma mula para outra ou para um cavalo e depois os obrigam a aceitar o mais apertado freio. Ela, a mula, joga-se contra as paredes e ao chão, mas acaba por entregar-se, sob a aplicação de um par de esporas reforçadas. São as Minas Gerais e as regiões diamantinas, onde a população é mais densa, que consomem a maior parte das mercadorias e de sal, que somente deste modo, por falta de comunicações mais cômodas, podem ser transportadas. O sal é produzido perto de Cabo Frio e vem também das ilhas do Cabo Verde. O consumo é muito grande porque os animais morreriam se não o recebessem diariamente, especialmente em São Paulo, como se observou sem se saber bem porquê. Por toda a parte há criação de cabras, cujo leite é preferido ao da vaca, mas a criação de carneiros parece negligenciada, apesar de darem-se bem e produzirem uma lã muito fina.

Fora dos rios ou da proximidade do mar, é raro encontrar peixe. Os mais comuns são o dourado, a tainha, que é muito gorda e boa, e o timbó. A criação de abelhas não é favorecida em São Paulo, apesar de haver todo o motivo para isso. Existem muitas, tanto selvagens como domésticas e a maior parte do mel e da cera é extraída de árvores ocas nas florestas. Contra toda a expectativa, quase toda a cera consumida no Brasil é procedente das colônias africanas de Portugal.

As matas abrigam muitos animais bravios e perigosos, dos quais o tigre vulgar, o tigre preto, a pantera e o jaguar são os mais comuns, e ainda uma espécie de lontra. De outros quadrúpedes, existem o tamanduá, que se alimenta exclusivamente de formigas, a anta ou tapir, de cujo couro, depois de seco ao sol, os índios fabricam os seus escudos, impenetráveis às balas e às flechas, a preguiça, que tem seu nome da lentidão de seus movimentos, pouco mais rápidos que os do caramujo, é muito gorda e grande, de cor cinzenta e vive a maior parte do tempo nas árvores, onde se alimenta de galhos tenros e folhas, principalmente da imbaúba. Tem-se observado que quanto mais destas árvores existem, mais preguiças há. A raposa (sariguera, no original), da raça dos gambás, é a grande inimiga das galinhas e sua presença revela-se por um mau cheiro insuportável que o seu corpo exala; o ouriço-cacheiro e o tatu que vive em subterrâneos no campo. A cabeça e

a cauda parecem com as do lagarto e o corpo é coberto por um couro duro e impenetrável como o casco da tartaruga. Sua defesa está nas longas e afiadas unhas. Sendo muito gostoso come-se ele com prazer, donde ser muito caçado. Perseguido, fura ele o chão num momento, e não se pegando por uma perna ele desaparece porque pegando-se pela cauda, esta arrebenta e o animal se livra. Existem mais o veado e o porco do mato, que, no gosto e na aparência, assemelha-se a um grande leitão, e o pequeno camelo, aliás muito raro.

*

O viajante admira-se com razão do grande numero de macacos que aparecem nas matas e das proezas quase humanas que se contam do guariba; o certo é que vivem numa espécie de sociedade e que são muito curiosos quando livres, nas matas. Quando, de manhã cedo, descem para roubar alguma roça de milho ou um pomar, põem sempre nos altos, na vizinhança sentinelas que, por gritos, comunicam a aproximação de alguma pessoa. Sendo negligentes, são castigados com varas se estão perto e com pedradas quando fogem. Numa caçada curiosa, a que assisti, vi que as fêmeas, quando tem de fugir depressa, tomam os filhos nos braços. Encontrando árvores tão distantes umas das outras que não alcancem os galhos, a mãe joga-se como um ralo, pegando os galhos do outro lado, e enroscando a cauda onde estava, serve assim de ponte para o filho. A *símia seniculus*, ou mico real, é do tamanho de um serelepe, muito bonito, porém não vive ao norte do equador.

Insetos há muitos e entre eles o mosquito, mas que não molesta tanto como no Rio. Fogem todos da fumaça dos cigarros. Mais vulgar, porém, é o pequeno inseto, que chamam bicho, em inglês *chigger*, que penetra por baixo das unhas e nas rugas dos dedos dos pés, onde forma pequenas bolsas cheias de vermes brancos com cabeças pretas. Tira-se esta bolsa com uma agulha, enchendo depois o buraco com tabaco ou calomelanos, operação esta em que os negros são muito hábeis. É necessário dizer-se que o pouco asseio é a principal causa deste mal que não tem importância no começo. O grande morcego, que os viajantes tanto têm descrito, causa muito mal ao gado em São Paulo. Tem 12 polegadas de comprimento e as asas têm de 4 a 6 polegadas. A língua é muito pontuda e munida de espinhos. De noite assenta-se no ombro dos cavalos ou muares e, furando a veia do pescoço do animal, suga-lhe o sangue que depois continua a correr e o animal fica

coberto dele. Durante a sucção o morcego abana com as asas para assim diminuir a dor da ferida. É encontrado somente na América do Sul e na Índia, atacando também as pessoas que dormem com as janelas abertas.

De cobras e anfíbios há muitas espécies. A cobra mais perigosa chama-se “jararaca” e habita não somente os campos e as matas, mas às vezes entra até nas casas. Sua mordedura mata dentro de 24 horas. A sucuri (Çucuriyba, no original), de cujo tamanho e força se pode fazer uma idéia pela capacidade de matar o boi e a onça, habita perto dos rios Tietê e Amazonas. Não pensava que nas minhas viagens chegasse a ver este monstro horrível, que raras vezes é encontrado na vizinhança das estradas públicas, mas quase sempre no interior das matas ribeirinhas, porque a sua natureza lhe permite viver tanto na água como em terra, porém, casualmente, vi uma numa das voltas do Tietê, cujas margens tinham uma mata densa e impenetrável, talvez nunca percorrida por alguém. O animal era de cor parda com pele escamosa e brilhante, cabeça chata mas redonda e munida de dois grandes olhos verdes, boca larga, uma fileira de dentes largos e língua grande, não bifurcada. Estava dormindo e sem forças para mover-se em consequência de uma refeição demasiada de um boi bravo. Esticada no chão com a larga cabeça repousando na relva à sombra de um arbusto, a cauda estava enrolada conforme o costume das cobras. O seu ronco despertou a atenção dos negros que, aliás, têm certa facilidade para descobrir tais coisas, como cobras, pássaros e outros animais. Pararam imediatamente e gritaram “bicho”, o que significa tanto uma minhoca como uma cobra de 20 pés, porém nós continuamos a marcha até ouvirmos gritarem “grande bicho”, o que despertou nossa atenção e curiosidade. Que aquele que nunca viu tal monstro julgue da nossa sensação ao descobrirmos este. Tivemos muito tempo para examiná-lo, porque nem o barulho dos nossos cavalos ou burros conseguiu acordá-lo, e como todos nós estivéssemos com espingardas, chegamos perto e enviamos-lhe uma dúzia de balas no corpo, o que foi repetido. A cabeça foi atingida primeiro, mas ninguém, nem os negros que muitas vezes se defendem com faca contra as onças, tiveram coragem de se aproximar. O corpo torceu-se convulsivamente, encolheu-se, brilhando em várias cores e o sangue saía da cabeça. Finalmente foi morto a pedradas. Os negros receberam ordem para lhe tirar o couro e foi pena que a cabeça estivesse totalmente esmagada e não pudesse ser conservada. O couro, que tinha 30 pés de comprimento e 6,5 de largura, estava furado em vários lugares e foi-me oferecido. Perto do lugar desta caçada encontramos depois os restos de um boi novo que a cobra matara e que agora estavam cobertos de uma baba escura com miríades de moscas. Conforme me disseram, esta Boa nunca ataca as pessoas e, quando está com fome, sobe a uma árvore onde

se esconde entre as folhas para espiar os animais que passam e que ela mata do seguinte modo: com a cauda enroscada joga o corpo sobre o animal escolhido e ao redor do qual enleia o resto de seu corpo, apertando-o cada vez mais, até moer-lhe os ossos. Com as fauces abertas ataca então o animal ainda vivo, sugando-lhe primeiro o sangue todo, para depois engolir a sua vítima. A refeição é sempre tão copiosa, que depois não pode mover-se e precisa repousar, escolhendo para isto um lugar próximo a um rio, onde é fácil escapar e onde há fresca agradável. Este animal difere da *Boa constrictor*, que é maior e não tem escamas na pele. A boicininga, a ibibiboca ou cobra coral, a boiquatiara e a boiçocanga são cobras que aparecem especialmente no tempo do calor.

O remédio mais comum contra as mordeduras de cobra é deixar um negro chupar o lugar mordido, o que ele faz do seguinte modo: começa por mascar bastante tempo um pedaço de fumo e em seguida sugar, cuspidando fora o que tira da ferida; depois, faz-se uma mistura de fumo e água que se aplica no lugar ofendido, mudando duas vezes por dia. Este remédio, que a experiência provou ser melhor, devia ser experimentado em outros países, se neles houvesse facilidade de se obter sugadores como no Brasil.

Dos anfíbios encontram-se nos rios de São Paulo o caiman, o jacaré e a capivara. Um pequeno lagarto é encontrado por toda parte nas casas. Aparece especialmente à tarde e, tão inocente quanto frio, é por todos protegido, porque caça e mata os mosquitos molestadores. É um divertimento em São Paulo, de manhã cedo, na cama, observar esta caçada sobre o mosqueteiro e muitas vezes regozijei-me com a matança destes insetos odiados.

Por toda a parte há aranhas de tamanho descomunal, vermelhas, pardas, variegadas e peludas, entre as quais a *Sphaex coerulea* é bastante comum. É somente durante as horas mais quentes dos dias de verão que uma espécie de aranha grande, extremamente fria, aparece. Desta aranha emana em cheiro fétido que envenena as bebidas e mata com frio excessivo e tremor. Há pouco tempo, felizmente achou-se no vinho um antídoto certo contra este veneno. De escorpiões, há um gênero pequeno e especial chamado "boiquiba", cuja picada não mata, mas provoca um dor que ultrapassa tudo quanto é conhecido, durante 24 horas. Do gênero *Scolopendra* há várias espécies, diferentes na forma e no tamanho. Uma delas, preta e com cabeça vermelha e peluda, é um excelente *venerium* quando posto sobre as partes genitais, o que os índios e outras classes do Brasil bem sabem. Acredita-se que, usado com frequência, causa feridas ulcerosas, que chegam a determinar a queda das partes, mas isto, sem dúvida, provém antes dos *lues venerea*.

De formigas, há tantas espécies diferentes em São Paulo e no Brasil, e a sua história é tão complicada e interessante, mas que não dá aqui para descrevê-las. São todas tidas como uma das pragas do país o com justa razão. A formiga maior e mais devastadora é a "içá" e tem três quartos de polegada, de cor vermelha, e, no tocar-se, ela deixa um cheiro quase como o do limão. Vive em subterrâneos, com canais de um a dois metros de comprimento, correndo em zigue-zague e com casas ou jardins na vizinhança, onde se propaga prodigiosamente. Não se conhece contra ela outro remédio que não o destruir a sua habitação com água e cavando, principalmente no mês de setembro, quando os filhos estão para sair. A vida e o trabalho incompreensíveis destes pequenos insetos são admiráveis, especialmente quando se observa como se dividem no trabalho de cortar, por exemplo, o ananás. O brasileiro distingue a cortadora e a carregadora: a primeira corta as plantas e a segunda as carrega. Encontram-se, porém, muitas vezes no caminho com umas pequena formigas pretas, que não tem a mesma força, mas que cortam as pernas das grandes e lhes roubam a carga, naturalmente pagando isso com a vida de muitas das suas, porque a içá não larga sem se defender até o último. A içá tem uma vitalidade extraordinária. Mordido por uma içá no dedo ate sair sangue, cortei-lhe a cabeça com um canivete, mas nem assim ela largou durante onze minutos, continuando a mover as antenas e os olhos. Fiz a mesma experiência com outras e o resultado era sempre o mesmo. O único meio de impedir a sua invasão nos jardins é com pequenos canais cheios d'água, que elas não podem atravessar. Em São Paulo há ainda uma outra espécie pequena e com asas, contra as quais este meio nada adianta, mas são, felizmente, raras.

O cupim é uma pequena formiga branca, somente encontrada entre papéis e nas bibliotecas, onde exerce o seu instinto destruidor, propagando-se de um modo incrível. Vi, na Biblioteca Real do Rio de Janeiro, os fragmentos de um volume in-folio, que o bibliotecário assegurou-me ter sido destruído em poucos dias, junto com a maior parte da capa e é certo que milhares de volumes estavam mais ou menos estragados. Elas se destróem a si mesmas quando se introduz em seus ninhos uma massa de farinha, arsênico e açúcar, que as torna loucas, mas não as mata. Acredita-se ser a cola do encadernador que atrai os cupins, e é por isto que atualmente se mistura arsênico nessa cola. Estas formigas só existem no Brasil.

Os pássaros são em número extraordinário e não há menos de cem espécies de papagaios, dos quais as araras são as maiores, quase do tamanho de um galo capão com uma cauda de meio côvado; a avestruz, a pica paradisfaca, o trochilus minimus e o ibis são também muito lindos. Das aves de rapina o falco harpyia e o vultur gryphus são os mais curiosos pela

propriedade de se domesticarem para caça de outros pássaros; a anhumã, cuja voz parece a de um burro, e a marreca, espécie de palmípede que não pode voar nem andar, somente nadar, são os mais raros.

De galináceos, há em São Paulo, além de perdizes o faisões, que em tamanho são menores que os europeus, a jamperna, o jacu, grande como um peru, o mutum e o macuco, que todos são saborosos e, apanhados novos, facilmente se criam e engordam como galinhas. Dois jacus domesticados que conduzi a cavalo por mais de vinte léguas, foram vitimados por um gato a bordo, na viagem para a Europa.

Lembro-me também do uma espécie de galo, chamado “galo músico”, que tem a propriedade de prolongar uma das notas de seu canto por um a dois minutos e que é muito estimado. Aparentemente, parece-se muito com os nossos galos; é, porém, maior, e raras são as casas que não possuem um galo destes no quintal e dentro de casa um par de papagaios que palram às vezes até meia dúzia de palavras, principalmente nas casas dos indígenas. É interessante notar que os papagaios têm certa predileção pelos negros e acostumam-se melhor com eles do que com os brancos; os papagaios mais palradores são educados por negros. Na África seria fácil explicar isto, mas no Brasil, onde os brancos predominam, é menos compreensível.

*

As matas de São Paulo produzem grandes e excelentes madeiras que, quase todas, conservam seus nomes indígenas. Muitas têm uma goma aromática e são consideradas as melhores. O vinhático é estimado por sua beleza, o cedro por sua força, a peroba por seu tamanho e dureza, servindo para canoas; o jacarandá ou pau rosa, de cor preta e amarela, a São Sebastião de Arruda, cabiúna, jaracatão, ubatão, canduru e várias espécies de palmeiras, das quais a iri é a mais notável por sua elasticidade, e o pau-d’alho, que tem, efetivamente, o cheiro do alho. Para construções navais a natureza não deu melhores madeiras à nação alguma do mundo e contam-se mais de trinta mil léguas quadradas cobertas por elas.

Em relação ao reino vegetal, só posso mencionar as plantas mais comuns, das quais a mandioca ocupa o primeiro lugar. Tem uma raiz de um pé de comprimento e cinco a seis polegadas de grossura e um caule de um metro ou mais acima do chão. Ela é venenosa, tanto nova como seca, menos para os porcos e é reduzida à farinha do seguinte modo: depois de arrancada da terra, é ela bem lavada, descascada e ralada num ralo próprio e a massa

colocada numa prensa que lhe tira todo o suco, depois do que é espalhada sobre um forno de cobre de quatro a cinco pés de diâmetro. Enquanto no forno, é constantemente remexida até evaporar-se toda a umidade e, uma vez bem seca, estará pronta a farinha que, desejando-a mais fina, deve ser ainda pilada num pilão. Guardada da umidade, esta farinha se conserva por muito tempo e é muito nutritiva por causa de sua propriedade gelatinosa. Misturada com caldo de carne e muito saborosa e excelente para longas viagens. O suco que sai da mandioca prensada mata os porcos, apesar de este poderem comer a raiz sem perigo. Encontra-se também uma espécie de mandioca brava chamada “aipi, e que tem o sabor da castanha. O inhamé merece ser citado depois da mandioca e serve como a batata; é farinhento e chega a ter um diâmetro de cinco pés, com casca parda escura. Conserva-se durante semanas no mar e é muito estimado pelos europeus. A banana é a sobremesa preferida dos brasileiros; tão nutritiva quanto saborosa, constitui ela a comida principal dos negros, junto com a mandioca. O milho, empregado como forragem, e o arroz são os produtos mais comuns e ricos do país. O primeiro dá 120 por um, e tem espigas com mais de 300 grãos. O ananás - *Ananas Bromelia* -, assim chamada por Plumier em honra do naturalista sueco Olavo Bromelius, nascido em Orebro em 1639, não é tão gostoso como o da Europa, mas os pequenos limões, as laranjas, as uvas, os cocos, o maracujá, a manga e a incomparável goiaba, que é utilizada para doce, exportada em forma de queijo, são verdadeiras gulodices de São Paulo.

Há muitas espécies de Mimosa, chamadas “Joqueri”, que ornem os jardins. A *copaffera officinalis* é muito comum e o seu bálsamo, que sai do tronco ferido, é apanhado em vasilhas largas e empregado contra moléstias externas. Da garfuana emprega-se a casca para tingir de amarelo e da trepadeira chamada “emby” faz-se pequenas cordas. O mangue cresce nas margens dos rios e ribeiras e as suas raízes se espalham por baixo do chão, de onde as pontas saem de novo; a sua casca serve para curtume por ser adstringente. A sapucaia tem uma fruta curiosa. Assemelha-se a uma marmita com tampa torneada, donde ela pende, abrindo-se na maturação deixando escapar quatro sementes que se parecem com castanhas e são de agradável sabor. O próprio fruto é duro como pedra e contém geralmente mais 50 pequenos frutos. Iba é uma espécie de pinheiro que cresce até uma altura descomunal, com a copa sobre um tronco direito e, segundo Linneu, existe somente na capitania de São Paulo. Os frutos são compridos e munidos de uma casca cor de castanha e, como ela, são assados e consumidos como sobremesa. Em geral são unidas aos centos, formando uma bola de bonito aspecto, que se seca para separar as castanhas. O cipó (*Viola Ipeecauanha*),

a canela branca, o gengibre, o tamarindeiro, a jalapa e muitas outras plantas que pertencem à farmácia, existem por toda a parte, mas, como a agricultura em geral, são para serem aproveitadas pelas gerações futuras.

*

Observação. Com este “apanhado” um tanto desordenado, mas curioso por ser observação de um estrangeiro que pouco permaneceu no Brasil, da flora e da fauna de nossa terra, encerra o viajante suco a narrativa de sua viagem. Julgou ele oportuno, entretanto, especialmente por destinar seu relato a leitores em geral nada familiarizados com o Brasil, oferecer algumas informações de ordem geral sobre o país, desde as “rendas da coroa” até as coordenadas geográficas de diversas localidades. Concluídas estas, retoma sua descrição, tratando da Ilha de Tristão da Cunha, tal como anunciou no próprio título original de seu relato.

*

As rendas da Coroa no Brasil

1º Uma quinta parte de todo o ouro extraído, o que, incluindo as minas do governo, dá uma renda considerável, que para o ano de 1812 foi calculada em 135 arrobas a 35 libras a arroba, ou 6.640 marcos ouro de 16 lOd por marco.

2º 15% de todas as mercadorias importadas.

3º 5% de tudo exportado.

4º 10% de toda a produção do país, o que perfaz uma soma considerável. Calcula-se, por exemplo, a renda anual de couros produzidos no Rio Grande em 33 contos e em 66 contos a do açúcar e do algodão exportados somente da Bahia.

5º As indulgências que resultam do arrendamento a particulares do direito de cobrar impostos.

6º Rendas da alfandega de tudo quanto entra para o distrito das minas e que se paga no registro de Matias Barbosa ou Paraibuna, à razão de 1\$000 a arroba.

7º Imposto sobre escravos novos que, per capita, pagam 10\$000 e no mesmo artigo compreende-se um imposto sobre bois para o Rio Grande, de dois terços de mil réis.

8º Grande renda das barreiras de todos os rios e pontes, onde pagam 4\$000 para cada mula solta, como, por exemplo, em Sorocaba.

9º 10 réis cada libra de carne de vaca vendida no Rio de Janeiro; está arrendada por contrato ao sr. Russel, vice-cônsul da Inglaterra.

10º Grande renda do fumo, do sal e dos contratos de pesca da baleia e outras pescas, todos arrendados a particulares.

11º 10\$000 cada pipa de aguardente que do interior vem para o Rio de Janeiro para ser exportada.

12º A nova taxa predial, que deve render muito.

13º Grande renda bem calculada das piastras espanholas que no Brasil valem 750 réis, mas que o banco compra para recunhar as moedas de três patacas com as armas e divisa do país e que saem da Casa da Moeda com o valor de 960 réis, dando, portanto, um lucro de 32% ao Estado. Esta transformação monetária faz que não valha a pena exportar prata do Brasil, senão para os colecionadores e a operação é tanto melhor quanto o país não possui este metal. Serve até de aviso a outras nações para dar maior valor à sua moeda de prata, a fim de prevenir uma exportação ilícita e prejudicial.

A renda dos diamantes e pedras preciosas não entra nestes cálculos porque é muito incerta. Acredita-se, porém, que seja igual à do urucu, marfim e toda espécie de madeira, tanto para a tinturaria como para trabalhos finos, avaliada em 3.300 contos por ano. Os diamantes de propriedade do Príncipe-regente são avaliados em 33 mil contos ou seis mil tonéis de ouro. Calculam-se as despesas da corte no Rio de Janeiro, por 800 pessoas que ali recebem in natura as chamadas "rações", a um dobrão ou 16 piastras espanholas por dia, ou, em dinheiro, em 10 contos e 240 mil reis por dia, o que segundo o câmbio notado em 1813, a 78 pence por mil réis (sendo de 67,5 pence ao par), perfaz a soma de 214.00) libras esterlinas.

As moedas do Brasil são as seguintes:

Ouro: o dobrão ou 40 patacas, ou 12\$000, é uma moeda imaginária, como em Portugal. Meio dobrão ou “joanete” vale 20 patacas ou 6\$400 réis; é a moeda mais aceita e tem grande valor entre todas as nações do sul, mesmo sem ter melhor ouro do que as outras. Outras moedas:

de 12 1/4 patacas ou 4\$000

de 6 1/4 “ 2\$000

de 3 “ 1\$000

Prata: 3 patacas - 24 vinténs ou 960 réis

2 patacas - 16 vinténs 640 réis

1 patacas - 8 vinténs 320 réis

1/2 patacas - 4 vinténs 160 réis

1/4 patacas - 2 vinténs 80 réis

Cobre: 2 vinténs ou 40 réis

1 vintém ou 20 reis

A divisa da moeda brasileira é “Stab. subque Sign. Nata (Stabile subque signo Nata scil. Monita). Representa uma esfera com o trópico e no outro lado a efigie do Príncipe-Regente.

*

As taxas dos portos do Brasil são iguais para todos os navios, exceto os navios de guerra e paquetes. Os portos principais são Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Nos dois primeiros paga-se:

Ao práctico para entrada e saída	7\$000
Entrada e saída	4\$000
Ancoragem por dia	2\$000
O práctico-mór por dia	1\$000
O interprete todo o tempo	2\$000
6 guardas, por dia	5\$760
O guarda-mór do tabaco	3\$200
O guarda-mór da alfandega	1\$280, portanto
a primeira despesa	17\$840
diária	8\$760
No Rio de Janeiro:	
Entrada e saída com práctico	25\$600
Intérprete, diária	1\$000
Ancoragem, “	1\$000
2 guardas, diária	1\$900
Primeira despesa no Rio	25\$600
Diárias	3\$900

Para os navios que partem da Suécia, deve-se calcular bem o tempo, porque, assim, a casa armadora ganha pelo menos seis meses na viagem de ida e volta, sem contar a comodidade tanto para o navio como para a tripulação com um bom vento constante. É bom lembrar que os ventos alíseos sopram de norte a sul de novembro até abril, e de sul a norte do abril a novembro, e que, portanto, os navios suecos em viagem, devem estar na altura da Ilha da Madeira no começo de novembro e não, como até agora tem acontecido, sair da Suécia neste tempo. Os que saem dos portos do Báltico devem estar prontos para navegar no fim de agosto, e os do Mar do Norte, em setembro, sendo de esperar que estes mesmos navios, voltando do Rio de Janeiro, pudessem no ano seguinte, estar de volta em junho, com suas cargas. Todos os que navegam para o Brasil deviam, além disso, receber ordens de passar pelo curso norte, não somente para terem mais água, mas para evitarem algum aportamento no canal e as despesas que isso acarreta.

*

O seguinte quadro dá a latitude e a longitude dos principais cabos e outros lugares do Brasil:

	Latitude			Longitude		
	Gr	M	S	Gr	M	S
Belém	1	30	0	48	30	0
Ponta de Tijioca	0	27	0	48	08	0
Cidade de Caeté	0	36	0	46	50	0
Ilha S. João Evangelista	1	07	0	44	14	0
Ilha do Maranhão	2	32	0	43	40	0
Rio Paraíba	2	40	0	41	20	0
Sierra	3	31	0	38	23	0
Cabo São Roque	5	07	0	36	15	0
Rio Grande	5	17	0	36	05	0
Barra do Paraíba Norte	6	40	0	35	30	0
Olinda	8	02	0	35	15	0
Recife	8	14	0	35	15	0
Cabo Santo Agostinho	8	26	0	35	15	0
Bahia ou S. Salvador	13	00	0	39	25	0
Cabo São Tomé	21	51	0	40	49	0
Cabo Frio	22	54	0	41	25	0
Rio de Janeiro	22	54	0	42	39	45
Ilha de Sta. Catarina	27	40	0	47	43	0

*

Tristão da Cunha

A Ilha Tristão da Cunha, desabitada durante séculos, está a 23 graus latitude Sul, entre o Cabo da Boa Esperança, na Africa e Rio da Prata na América do Sul, com mais duas ilhas "Nightingale" e "Inaccessible", todas situadas num clima excelente, com vegetação exuberante, rica pesca de baleia nas suas costas e grande abundância de porcos e cabras que, provavelmente, para ali foram levados. Todas estas vantagens, porém, não atraíram os habitantes do Brasil, nem de outra parte da América do Sul, a emigraram para essas belas ilhas, talvez porque onde estavam já tinham terra bastante para cultivar. Estava reservado a um aventureiro norte-americano chamado Roberto tornar-se conhecido pela ocupação desta ilha e, há três anos, depois de conseguir a proteção dos governos de Londres, Rio de Janeiro e dos Estados Americanos, ocupou-a de sociedade com um ex-alemão (sic) de nome Sievers.

Parece que isto prometia muita serventia aos navios que nestas paragens estivessem necessitados, razão porque as nações deram proteção à empresa. Roberto pôde desde logo atrair outros aventureiros de países próximos, num total de 16 homens e 30 mulheres, sobre os quais ele deixou-se proclamar rei em 1812, com o nome de Roberto Primeiro, notificando as outras nações que os navios delas, com módica retribuição, podiam ser abastecidos de mantimentos, água, etc. Imediatamente deu início a várias culturas, como a de batatas e legumes, e cuidou da construção de um porto e um forte. De todos os navegantes recebeu ele provas de gratidão e de reconhecimento. Barricas d'água, potes, instrumentos de lavoura, carretas, pequenos canhões, etc., eram sempre presentes muito estimados pelo novo rei. Até o famoso navegador Pedro Heywood, almirante do navio inglês "Montague", de 74 canhões, estacionado na América, visitou pessoalmente Roberto e o viu dividir-se entre a charrua e os cuidados da governança e, segundo o testemunho do sr. Heywood, a sua energia era de tanto maior valor quanto ele era um homem nervoso, dotado de inteligência perspicaz e inclinação para empresas arriscadas, como o prova sua decisão de povoar uma ilha deserta e criar um abrigo aos navegantes naquela imensa extensão de água que separa a África da América.

O rei Roberto faleceu no ano passado, sob o peso das fadigas, exatamente quando o sr. Sievers, que conheci pessoalmente no Rio de Janeiro, se ocupava com a negociação de um empréstimo a fim de comprar uma escuna armada para defesa das costas de Tristão da Cunha. A primeira notícia da morte do soberano, o sr. Sievers apressou-se em voltar, e apesar de ninguém conhecer o contrato que ele tinha com Roberto, é de supor que ele se proclamasse sucessor. Tanto que, em todas as ocasiões em que o rei era mencionado, ele o chamava "The King, my partner", o rei, meu associado. Segundo se tem afirmado, o código de Roberto permitia a poligamia, o que talvez fosse antes uma necessidade política do que consequência de princípios. Provavelmente muitos desejariam ser habitantes da ilha de Tristão da Cunha.

O VIAJANTE SUECO GUSTAVO BEYER

Alberto LOEFGREN

Os senhores consórcios que receberam a Revista do Instituto do ano passado³¹, de certo já tomaram conhecimento do pequeno trabalho do viajante sueco que se assina simplesmente Gustavo Beyer. Sabem igualmente que o Instituto deve este trabalho a S. M. o rei Oscar da Suécia, que o ofereceu por nosso intermédio. Naquela ocasião, porém, ainda nada sabíamos sobre a individualidade do sr. Beyer e, querendo incluir na tradução algumas palavras a esse respeito, dirigi-me ao ilustrado dr. Dahlgren, bibliotecário-chefe da Biblioteca Real, pedindo o favor de fazer as pesquisas necessárias a respeito da vida e da posição que ocupava o sr. Beyer.

Devido a muitos trabalhos e ocupações por parte do dr. Dahlgren, a resposta dele tem-se demorado e somente agora a recebi, apressando-me a apresentar ao Instituto o que foi averiguado sobre o viajante sueco.

Como é natural, o trabalho do dr. Beyer tem despertado certa curiosidade no Brasil e vários dos nossos distintos estudiosos têm procurado adivinhar qual terá sido o motivo que trouxe o sr. Beyer para o Brasil e qual podia ser a verdadeira posição social daquele homem que na sua obra nada absolutamente deixa transparecer sobre a sua própria individualidade.

O primeiro a ocupar-se deste viajante e do seu trabalho foi o ilustrado diretor da Biblioteca Nacional, o dr. Vieira Fazenda que, em uns artigos publicados no jornal "A Notícia", do Rio de Janeiro, em novembro do ano p.p., nada adianta e apenas apela para a opinião dos drs. Derby, Branner, Oliveira Lima e Alfredo de Carvalho, sobre o mesmo sr. Beyer que, todavia, designa como ilustrado e educado.

Respondendo ao apelo apresentou-se o dr. Oliveira Lima que, em dois artigos publicados no jornal "O Estado de S. Paulo", em dezembro

(31) Refere-se o autor ao volume XII da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, correspondente ao ano de 1907, mas publicado no ano seguinte (1908) e no qual se insere o texto integral do relato de Beyer.

do mesmo ano, procurou elucidar a questão.³² Passando em silêncio o primeiro artigo que todos conhecemos, no segundo o provector dr. Oliveira Lima já descobriu que Beyer tinha sido cônsul português na Suécia e um dos encarregados de contratar pessoal para a fábrica de ferro de Ipanema. Nas obras do senador Vergueiro e do dr. Calógeras encontrou mais uns apontamentos que designavam Beyer como credor do diretor daquela fábrica e empreendendo a sua viagem com o fim exclusivo de cobrar a tal dívida. Não há dúvida que isso parece explicar o passeio do sr. Beyer, porém, pelo conhecimento que eu tenho dos costumes do meu país natal e do caráter dos meus patrícios, principalmente naquela época, tal explicação não estava de acordo e tanto me parecia isso verdade que, em conversa com o ilustrado consórcio dr. Alfredo de Toledo, eu lastimava ter-se escrito a respeito do sr. Beyer antes de obtidas as notas que eu esperava da Biblioteca Real da Suécia.

É, pois, com satisfação que tenho a honra de comunicar ao Instituto a chegada destas notas, pedindo licença para apresentar alguns dados autênticos sobre a vida e a posição social daquele Beyer que com tanta espontaneidade se mostrou ser, não somente um excelente amigo do Brasil e de São Paulo em particular, como até um verdadeiro entusiasta e propagandista como talvez antes dele poucos houve.

Extraído da *História dos médicos suecos*, de J. F. Saklen, Nykoepin 1823, págs. 518-523; suplementos de 1835, págs. 325-326 e de 1853, pág. 43:

O dr. Gustavo Beyer nasceu na cidade de Ystad em 19 de agosto de 1775, filho do médico municipal G.H. Beyer e sua esposa Magdalena Krutmeijer. Cedo foi ele iniciado nas ciências médicas e já em 1788 entrou ele para a Universidade de Lund. Em 1789 foi eleito sócio da Sociedade Cirúrgica e em 1792 foi nomeado sub-médico do real almirantado de Karlskrona, onde serviu durante as grandes preparações bélicas de 1793 e 1794. Em 1795, por ocasião do grande desastre da explosão do navio "Dygden", no porto Karlskrona, foi ele nomeado para tratar dos feridos e, no mesmo ano, o almirantado nomeou-o chefe da expedição médica para o imperador de Marrocos. Durante essa expedição teve ele ocasião de visitar e estudar os grandes hospitais e outras instituições, especialmente para a marinha, nos portos ingleses, franceses e italianos. Na Itália, viu ele as afamadas coleções de Fontana e em Tânger foi convidado para tratar do príncipe Mulay Ali e do favorito Kaidan Mahomet. De volta à Suécia em 1796 defendeu ele a sua primeira tese sobre "De controversa questione, an

(32) Os depoimentos de Vieira Fazenda e Oliveira Lima, aqui mencionados, estão publicados em anexo neste volume.

cor nervis careat?”. Af, continuou a servir no almirantado, até que em 1797 voltou à cidade de Lund, onde defendeu a sua segunda tese de doutorado, versando sobre “Aphorismi nonnulli de plethora vera”. Logo em seguida foi nomeado médico-chefe da esquadra que cruzava o mar do Norte e que durante três meses estacionou em Copenhague, onde, todos os dias Beyer visitava o Hospital Frederico. No outono do mesmo ano serviu na esquadra comandada pelo Conde de Wachtmeister que foi buscar a ex-rainha Frederica Dorothea Wilhelmina, de Pomerânia para Karlskrona, e em 2 de dezembro de 1798 recebeu o grau de Doutor em Medicina.

Desde o começo de 1798 freqüentou ele o Lazareto Seraphim, em Estocolmo, até que no mês de maio foi outra vez designado para seguir com a esquadra de exercício que primeiro ia fazer observações astronômicas e depois unir-se à esquadra inglesa do Comodoro Ommaney. Nessa ocasião visitou de novo Londres, onde ficou nos hospitais durante três meses, voltando para a Suécia na fragata “Ulla Ferren”.

Em 1800 pediu demissão do Almirantado e dirigiu-se para Estocolmo onde, em 1803, se tornou intendente das Águas Virtuosas de Sabbatsberg. O dr. Beyer foi o primeiro homem na Suécia que se vacinou e tornou-se por isso tão grande apologista e propagandista da vacina que em 1810 recebeu o prêmio máximo do governo para a vacinação e em 1813 recebeu a grande medalha de prata.

Desde 1801 era ele médico gratuito no Instituto Católico para crianças católicas pobres, que tinha sido organizado pelo abade Moretti e alguns membros do corpo diplomático da corte. Em 1806, acompanhou, como médico assistente, o príncipe herdeiro Gustavo e, logo depois, confiaram-lhe a assistência médica dos príncipes todos e da família dos príncipes de Brunswig. Em 1808, Sua Alteza o Príncipe-Regente de Portugal e do Brasil nomeou-o seu Cônsul-geral na Suécia e como tal foi reconhecido pelo rei da Suécia.

Em 1809 foi nomeado conselheiro da ordem de Wasa. No outono de 1812, munido das mais amplas recomendações do rei da Suécia e do príncipe-regente de Portugal, dirigiu-se o dr. Beyer para o Brasil com o fim de estabelecer relações comerciais entre o Brasil e a Suécia. Aqui, no Brasil, além do pequeno trabalho que publicou a respeito dessa viagem, fez ele bonitas coleções de minerais, de insetos e de caramujos, mas que se perdera por ter sido aprisionado pelos americanos o navio em que iam as coleções. Havia pendência entre a Inglaterra e os Estados Unidos.

Do Brasil seguiu Beyer num navio de guerra inglês, demorou alguns meses em Londres e chegou a Estocolmo de novo em novembro de

1813. Antes, porém, de publicar as suas impressões de viagem, já em 23 de abril de 1813 tinha ele enviado do Rio de Janeiro um trabalho para a repartição de Higiene em Estocolmo, em que trata das condições topográficas e sanitárias do Rio de Janeiro, trabalho este do qual o ilustre dr. Dahlgren teve a gentileza de ajuntar uma cópia e que oportunamente terei o prazer de traduzir para a revista do Instituto.³³

Em Estocolmo o dr. Beyer continuou nas funções de cônsul-geral e encarregado dos negócios de Portugal e do Brasil até 1821, quando o ministro Cortez decretou que esses cargos deviam ser ocupados por um português nato. Em 1823, porém, o dr. Beyer foi reintegrado e conservou-se até o ano de 1833, sendo agraciado com a nomeação de cavaleiro da Ordem da Torre e Espada. Em 1835 teve de aceitar de novo o consulado geral de Portugal na Suécia e Noruega e em 1837 também o da Grécia e em 1839 o vice-consulado da França. Em 1845 recebeu as insígnias da Ordem do Salvador da Grécia com a Grã Cruz de Prata e em 1852, a 10 de junho, faleceu com a idade de 77 anos, ocupando ainda aqueles elevados cargos.

Confrontando agora estes dados com o trabalho que ele publicou sobre a viagem ao Brasil, forçoso é reconhecer que o dr. Beyer, além de homens ilustrado e cavaleiro distinto, deve ter sido uma pessoa de rara modéstia, pois em nem uma só linha de todo o seu trabalho, deixa ele transparecer que era formado, que vinha em missão especial ou que ocupava tão elevada posição social. Pelo contrário, soube abstrair a sua individualidade a ponto de ser mais tarde confundido com um simples turista ou "globe-trotter", sem destino nem fim especial.

(Rev. do Inst. Hist. Geogr. de São Paulo,
vol. XIV, 71-76. São Paulo, 1912).

(33) Esta tradução vem mencionada na ata da sessão do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo do dia 5 de outubro de 1908: "O sr. dr. Alberto Loeffgren entrega uma tradução que fez de um artigo em sueco do ilustre viajante Gustavo Beyer, que em 1813 permaneceu no Rio de Janeiro, o qual, sobre assuntos de higiene, apresentou um relatório à repartição competente em Estocolmo" (Rev. do Instituto, vol. XIII, pág. 456). Todavia, o referido trabalho, que vem arrolado sob nº 4, no elenco dos escritos científicos de Beyer, elaborado pelo dr. Bjoerckmann, não chegou a ser publicado em nosso país.

VIAJANTE SUECO

Vieira FAZENDA

Por ocasião de sua curta estada nesta capital, em agosto último, travei relações com o sr. dr. Alfredo de Toledo. Conhecia-o antes pelos seus importantes trabalhos impressos na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”.

Em nossas palestras me referiu o eminente homem de letras que a Revista ia imprimir no volume XII umas curiosas notas de viagem escritas por Gustavo Beyer, de nação sueca e inteiramente desconhecidas. Acrescentou que, antes de visitar São Paulo, Beyer estivera no Rio de Janeiro, do qual dava sucinta descrição. Foi o bastante para aguçar a minha curiosidade.

Pedi ao dr. Toledo me enviasse, quando de regresso a São Paulo, a parte relativa ao Rio. Com a gentileza que lhe é própria, o autor da **Reivindicação Improcedente** prometeu fazê-lo.³⁴ Passaram-se meses e o nome de Beyer não se me apagou da memória. Recorri aos dicionários de História e aos sabedores dessa matéria. Nada obtive. Consultei a lista de estrangeiros ilustres que vieram ao Brasil, organizada por Taunay (Tomo 58 da “Revista do Instituto Histórico Brasileiro”). Dela não constava o nome desse viajante.³⁵

Anteontem, porém, fui agradavelmente surpreendido com algumas folhas impressas (provas naturalmente da revista) nas quais vi o que tanto almejava. **Ligeiras notas de viagem...** tal é o título do trabalho de Gustavo Beyer. Foi traduzido do sueco pelo dr. Alberto Lofgren, um dos belos ornamentos do Instituto de São Paulo.

(34) Alfredo de Toledo (1869-1917), natural de Brangança, em São Paulo, foi advogado, jornalista e político. Membro atuante do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em seus primeiros tempos, publicou diversos trabalhos na revista da Instituição, entre os quais **Reivindicação Improcedente**, a que alude Vieira Fazenda, sobre Bernardo Vieira de Melo como precursor da independência do Brasil (Volume VI da Revista).

(35) V. nota nº 5.

(...) Apesar de diversos enganos cometidos por Gustavo, são com prazer lidas as precitadas notas de viagem. O autor, longe de ridicularizar nossos hábitos e costumes coloniais, os aceita como frutos da nossa situação sempre dependente da metrópole.

Que o progresso do Brasil já era manifesto em 1813, ele, Beyer, o acentua. Graças à influência do Príncipe-Regente tudo se modificava para melhor. Referindo-se à Bahia, escreveu que muito “erraram os escritos de viagens que, apenas visitando o Rio de Janeiro, tomaram esta cidade por padrão para julgar todo um território de 60.000 milhas geográficas quadradas, quando eles, se quisessem ter-se informado, poderiam ter conhecido o plano para a grande obra de civilização e povoamento do país”.

Seu entusiasmo sobe de ponto quando fala dos Paulistas, em cujo seio encontrou hospedagem principesca e cavalheirosa acolhida. Verdade é que ele e seu companheiro, o Conde von Pahlen, de São Petersburgo, viajavam com cartas de recomendação firmadas pelos ministros do Príncipe-Regente.

Eis aí um progresso digno de nota. Iam longe os tempos em que o governo via em qualquer viajante estrangeiro, por mais ilustre, um simples espião. Vem-me agora à lembrança o ocorrido com o sábio Humboldt.³⁶

Antes de prosseguir, salvo erro, creio eu que esse conde Pahlen é o ministro e enviado extraordinário do imperador da Rússia, chegado ao Rio de Janeiro em 24 de junho de 1812, como refere o Padre Luís Gonçalves dos Santos.

Teria Beyer conhecido na Suécia os nossos ilustres patrícios José Bonifácio e Bittencourt e Sá, quando estes por lá andaram em missão científica? É de crer. Teria sido por estes apresentado ao tenente-general Napion?

Qual o resultado obtido para a ciência da viagem de Beyer? Não me compete dizê-lo por manifesta carência de bases. Aguardemos a opinião de Branner, de Orville Derby, de Alfredo de Carvalho e de Oliveira Lima, que a fundo tem estudado o período que vai de 1808 a 1821.

Viajaria Beyer por própria conta ou fora comissionado pelo seu governo? Nada posso avançar sem conhecer o resto das Notas, prestes a vir à imprensa.

(36) Referência à desagradável ocorrência que se passou com o sábio Alexander von Humboldt, que, vindo da Venezuela e penetrando em território brasileiro em 1800, teve sua prisão determinada por parte do governo do Pará, cumprido ordens régias para não deixar “um tal barão de Humboldt” penetrar no Brasil... Seus documentos, arquivos e coleções foram confiscados e só foi o sábio liberado com a condição, de não permanecer em terras brasileiras.

Terá este simpático sueco alguma relação com a fábrica de ferro de Ipanema, da qual se ocupou Varnhagen?

Deixando estes pontos para serem elucidados por quem de direito, vejamos sucintamente só o que se refere à Bahia e Rio de Janeiro. Quanto à primeira, o autor diz ser o comércio vasto e o porto excelente e bem defendido. Faz justiça à administração do conde dos Arcos. Descreve a traços largos a cidade e fala de uma estátua do Príncipe-Regente (sic) sobre um pedestal de mármore branco, encarando o mar.

Um tanto exagerado quanto aos recursos de que dispunha a antiga capital do Brasil, alude ao fato histórico de quererem os habitantes desse o príncipe D. João preferência à cidade fundada por Tomé de Souza para nova sede da monarquia.

Trata das chuvas e desmoronamentos ocorridos em julho de 1813, fatos comprovados pela correspondência existente no Arquivo Público.

Penetrando no grandioso porto de São Sebastião (Rio de Janeiro), escreveu o seguinte: (segue a transcrição do que vem mencionado à p. 14).

Do exposto às pressas, resulta que o viajante sueco não foi muito exato com relação ao nosso Rio de Janeiro. Basta dizer que colocou a antiga fazenda dos jesuítas (Santa Cruz) no meio da Ilha Grande!

Parece que guardou ele toda a sua atenção para a antiga capitania de São Vicente. Ainda assim, a parte que me foi dado ler constitui precioso documento bibliográfico até há pouco desconhecido.

Quando o restante for publicado na "Revista" acompanhado de eruditos comentários, poder-se-á avaliar in totum do merecimento das referidas notas.

Dando parabéns aos ilustrados drs. Alfredo de Toledo e Alberto Loeffgren pela novidade que nos vão oferecer, aguardo o volume XII da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo".

(Publicado em "A Notícia", Rio de Janeiro, ano XIV, n. 277, de 20-21 de novembro de 1907. Incluído no vol. 4 das Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro, Rev. do Inst. Hist. Geogr. Bras., tomo 93, vol. 147, corresp. a 1923, mas efetivamente só publicado em 1927, pp. 228-232).

PRIMEIRO ARTIGO DE OLIVEIRA LIMA

O erudito bibliotecário do Instituto Histórico do Rio de Janeiro, sr. dr. Vieira Fazenda, cuja personalidade é familiar a quantos servem o culto do nosso passado, do qual é um estudioso apaixonado e original, apelou, entre outras, para minha opinião quanto ao objeto e causa da viagem ao Brasil de Gustavo Beyer, sueco que esteve na Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo no decorrer de 1813 e cujas impressões, de todos nós desconhecidas, se achavam consignadas desde 1814 num pequeno volume impresso em Estocolmo.

Deste volume, existente em duplicata na biblioteca particular do rei Oscar da Suécia, teve o Instituto Histórico de São Paulo conhecimento e pôde obter o gracioso oferecimento de um dos exemplares, encarregando-se o sr. Alberto Loefgren da sua tradução, que figurará no próximo tomo, o XII, da revista da mesma associação.

Não tem o público outro critério, nem poderia encontrar melhor, para aferir a operosidade e importância de tais sociedades, senão o que lhe oferece o aparecimento anual desses volumes, nos quais se concentra o trabalho de seus membros mais ilustres ou mais prestimosos. A associação vale pelo que estes membros valem e pelas tradições que representa, isto é, pelo valor dos que se foram. Ora, a Revista do Instituto Histórico de São Paulo é deveras interessante em si, nenhuma outra se lhe avantajando presentemente, pouquíssimas mesmo a igualando.

A variedade nas suas contribuições, a freqüência dos seus ensaios originais e a abundância da sua documentação, cujo campo abrange mais que o Estado sobre que se diz exercer a atividade da associação tornam-na atraente para o entendido como para o leigo em assuntos históricos brasileiros, e abonam a orientação que desde o seu início recebeu aquela publicação, hoje principalmente afeta à direção inteligente e cuidadosa do sr. dr. Alfredo de Toledo, versadíssimo na matéria e, como todo paulista, justamente cioso das glórias e da grei a que pertence.

É muito difícil, senão impossível, à falta de informações alheias ao próprio livro, satisfazer a pergunta do sr. dr. Vieira Fazenda e dizer por

que motivo veio Beyer ao Brasil. Os viajores dessa época obedeciam todos no geral a móveis comerciais, como Mawe e Luccock, ou a móveis científicos, como Spix e Martius. Seria fácil num e noutro caso conhecê-los, quando mesmo nos fossem alheias suas biografias. Os primeiros abundam em dados econômicos e financeiros, os segundos em dados botânicos, mineralógicos ou zoológicos. Nuns prevalece a terminologia bancária, nos outros a tecnologia particular à história natural.

O volume anterior da "Revista do Instituto Histórico de São Paulo" inseriu a tradução da viagem a Minas Gerais, nos anos de 1814 e 1815, do alemão G. W. Freyreiss, que em 1816 o príncipe Maximilino de Wied-Neuwied encontrara explorando o Espírito Santo e poucos anos depois morria no sul da Bahia. Quando fosse anônima sua relação, apareceria sem contestação possível como o trabalho de um naturalista. Entretanto, apontam na obra observações sociais dignas de nota e, sobretudo, o tratamento dos índios e os horrores do tráfico mereceram do autor descrições minuciosas e verdadeiras, em capítulos que se lêem com aproveitamento.³⁷

Com Gustavo Beyer a coisa é diferente. O que se pode depreender é que não era de profissão naturalista e que tampouco era homem de negócio. Seus conhecimentos de história natural serão taxados de vulgares; suas preocupações mercantis aparecem nulas. Dicionário algum de biografia ou enciclopédia que consulte dá fé dele. É literariamente um esquecido, cientificamente um desconhecido. Por que não fazê-lo entrar noutra categoria, modernamente tão desenvolvida, dos viajantes por simples distração, dos turistas por desfastio, dos "globe-trotters" por curiosidade?

O Brasil recém-aberto aos estrangeiros, vagamente conhecido como a terra maravilhosa do ouro e dos diamantes, agora chamando fortemente a atenção pelo fato de para sua capital se haver transferido uma das velhas cortes européias, desafiava uma visita que os paquetes ingleses de Falmouth tornavam possível, regular e até cômoda para o tempo, ainda que não de todo segura pela guerra que no mar fizeram justamente em 1812 e 1813 os americanos aos ingleses, e pelas depredações dos piratas que dos portos dos Estados Unidos saíam com bandeira insurgente.

O calor das recomendações que levou para São Paulo e que puseram em movimento o próprio capitão-general Marquês de Alegrete; a companhia em viagem, num pé de intimidade do conde Nicolau von Pahlen,

(37) Freyreiss, G. W. - Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814 e 1815, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. XI, págs. 1907. Tirado em volume pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, integrando a coleção "Reconquista do Brasil", nova série, vol. 57. 1982.

que devia ser parente, talvez filho ou irmão do ministro russo que em 1812 chegou ao Rio, transferido de Washington; a atenção prestada nas suas observações à feição mundana da vida brasileira, são circunstâncias todas que denunciam em Beyer um homem de boa sociedade. Nem é de surpreender ou de natureza a contrariar essa impressão o fato de, segundo se deduz do livro ser o autor dado, ou amador mais pela certa, de pesquisas geológicas. A história natural invadira no século XVIII com estrépito a educação cuidada, e entre a melhor classe tornara-se até mania absorvente. Buffon, o clássico Buffon era um gentil homem, para só citar esse, e dos que nos visitaram e no nosso país viajaram extensa e proveitosamente, o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied dedicava-se com fervor à etnografia, afora a zoologia e a botânica.

Não penso, como aventa a hipótese o sr. dr. Vieira Fazenda, que tivesse Beyer talvez travado conhecimento na Suécia com José Bonifácio e Ferreira da Câmara, ou que sua vinda ao Brasil se relacionasse com a fábrica de ferro de Ipanema. Nada consta do livro em abono de uma ou de outra suposição, que haveria sido confirmada ao falar-se no citado estabelecimento metalúrgico ou ao referir o autor seu encontro com Martim Francisco em casa do cônego Oliveira Bueno, que na Paulicéia o hospedara. Admitido que fosse Beyer um homem de alta roda, é mister ter presente que o meio social em que na Europa do norte se moveram o paulista e o mineiro foi o meio especial dos universitários e dos sábios onde lucravam intelectualmente, não o que se chama por um galicismo, o mundo. Os cientistas recebiam a proteção dos príncipes, quando estes eram esclarecidos, mas não formavam propriamente a sua corte. O caso de Weimar, do seu grão-duque mecenas e do olímpico Goethe, não era a regra. De ordinário, o círculo intelectual e o cortesão moviam-se em redor do trono sem se confundirem.

A simpatia de Beyer pela nossa terra e pela nossa gente, a benevolência das suas observações, a ausência de notas ridículas ou malignas são de bom tom, traem o cavalheiro. Também podiam trair o sábio, comumente otimista; nenhum viajante foi mais condescendente do que foram Spix e Martius. Vê-se, porém, que agradou a Beyer encontrar no Brasil um pouco de convivência, aquilo a que andava habituado na Europa e que tanta falta aqui lhe teria feito.

A novidade de sua obra está unicamente, em minha opinião, em que descreve um aspecto paulista do tempo, que escapou a outros viajantes coevos ou de que não fizeram suficiente menção, e vem a ser a franqueza e largueza do seu intercurso social. Beyer e von Pahlen eram hóspedes de distinção, e assim foram tratados com primorosas atenções, que não

ultrapassaram contudo os limites discretos da fina educação. Da sua estada em São Paulo guardavam, pelo que se nota, uma lisonjeira e duradoura recordação.

Não tento para aqui transplantar resumidas e despidas do sainete original as observações e sensações paulistas do viajante sueco. Na tradução do sr. Loefgren vão elas ficar ao alcance de qualquer um. O que somente pretendi foi corresponder, embora negativamente, ao amável apelo do sr. dr. Vieira Fazenda, encarecer mais este serviço histórico do Instituto Paulista e a boa crítica que se revela na composição da sua revista, e mostrar ligeiramente o interesse da relação agora revelada aos que entre nós, e vão felizmente avultando em número, estimam esse gênero de leituras. Rio, novembro de 1907.

(De "O Estado de S. Paulo, de 9 de dezembro de 1907).

*

SEGUNDO ARTIGO DE OLIVEIRA LIMA

O viajante sueco Gustavo Beyer está identificado, e é perfeitamente conhecido o motivo de sua viagem ao Brasil em 1813. Efetivamente, como me quis parecer pela leitura de sua relação nas provas da Revista do Instituto Histórico Paulista, que me foram amavelmente comunicadas pelo sr. dr. Alfredo de Toledo, não se trata nem de um homem de ciência nem de um homem do comércio, sim de um homem de posição social. Apenas, este homem tinha um negócio a tratar e sua viagem não foi rigorosamente de prazer, posto que deva encerrar incomparável prazer a cobrança efetiva de uma dívida.

Gustavo Beyer veio da Suécia a São Paulo expressamente para receber, ao que se diz, do diretor da fábrica de ferro de Ipanema dez mil cruzados que este seu compatriota lhe devia. Como a quantia não era tão avultada que por si valesse tão longínqua viagem, se fosse um sacrifício, não é fora de propósito julgar que a curiosidade da terra entrava por alguma coisa na sua determinação.

Quando, pela carta-régia de 4 de dezembro de 1810, se criou o "estabelecimento montanístico de extração do ferro das minas de Sorocaba"

por meio de uma companhia de que o governo tomava metade das ações, o ministro e o cônsul de Portugal na Suécia foram encarregados de contratar operários competentes e um mestre de forjas experimentado. O ministro era Joaquim Lobo da Silveira, mais tarde plenipotenciário em Viena; o cônsul, certamente honorário, Gustavo Beyer ou Bayer. É bem provável que este fosse o tradutor da obra de Lobo da Silveira *Skizze von Brasilien*, publicada em Estocolmo em 1809, e naturalmente preparada no intuito de dar a conhecer o país para onde se mudara a corte portuguesa.³⁸

Aproveitou Beyer da ocasião, única que se oferecia, para colocar como diretor da fábrica brasileira um tal Hedberg, dono de forjas ou arrendatário de minas que falira e de quem era credor. Fê-lo na esperança, que o futuro não desmentiu, de que uma vez em posição vantajosa, viesse aquele a pagar-lhe o débito. Isto foi o que, na expressão de Varnhagen, houve de vergonhoso no contrato elaborado e firmado por nossa autoridade consular. O ministro entrou aí, como muitas vezes acontece em casos análogos, da mesma forma que Pilatos no Credo.

O nosso grande historiador nutria pela fabrica de Ipanema um interesse muito vivo e muito justificado pelo fato de ter seu pai vindo de Portugal, onde geria um estabelecimento da mesma índole, com o fim de examinar as condições das minas de Sorocaba e formular o plano da fundação que, logo depois de Hedberg, entrou a dirigir. Melhor se poderia dizer a corrigir, porquanto a primeira administração deixou muitíssimo a desejar. Varnhagen acusa Hedberg de haver desde o princípio abusado das ótimas intenções do conde de Linhares.

O Senador Vergueiro conta as coisas com todas as minúcias desejáveis na sua memória histórica sobre a fundação da fábrica de São João do Ipanema, impressa em Lisboa em 1822 e reimpressa ali em 1858, juntamente com a correspondência do tenente-coronel Varnhagen e outros documentos sobre o assunto.³⁹ Segundo o autor, Hedberg andava no Brasil fiscalizado de perto por dois estrangeiros de distinção, seus credores por somas largas, que recebiam o que ele ia adquirindo com seu salário e a suas espertezas. Beyer, que chegou bastante depois e não tomava parte naquela singular exploração, tão satisfeito ficou, porém, com o resultado prático da

(38) Desta obra de Lobo da Silveira, editada originalmente em alemão, publicou-se no ano seguinte uma edição em sueco. Ver Moraes, Rubens Borba de - *Bibliographia Brasiliana*, II, 813. Segunda edição. UCLA/Kosmos, Los Angeles/Rio de Janeiro, 1983.

(39) Vergueiro, Nicolau Pereira de Campos - *Memória histórica sobre a fundação da fábrica de ferro de S. João de ypanema na Provincia de S. Paulo*. Lisboa, Typ. Rollandiana, 1822 - *Subsídios para a História do Ypanema*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1858. - Há edição moderna, promovida pelo Senado Federal, na preciosa coleção "Bernardo Pereira de Vasconcelos", V. XI. Brasília, 1978

sua viagem que, ao regressar para a Europa, publicou no “Investigador Português”, de Londres (nº 29) uma “pomposa e inexacta carta” afirmando com relação à fábrica coisas “fabulosas”, entre outras que se estava trabalhando com toda a atividade no forno alto, quando tal não sucedia absolutamente.

Nesta carta, firmada só com o inicial de seu apelido, declara Beyer corresponder com sua informação de testemunha ocular ao desejo manifestado pelo redator do citado periódico, o qual era subvencionado pela legação portuguesa em Londres na intenção de rebater os constantes ataques do “Correio Braziliense” e, depois, do “Portuguez”, em cujas páginas eram defendidas as doutrinas liberais ou constitucionais.

Receava somente o viajante sueco que o seu “limitado saber” de obras da natureza da fábrica por ele chamada, com um sabor de etimologia grega, de Hyppanema, em vez de seguir a pretensa grafia tupi de Ypanema, tornasse muito imperfeita aquela sua exposição. Via-se, por isso, obrigado a ser muito sucinto para errar menos. E foi com efeito muito lacônico, sem contudo deixar de indicar os muitos trabalhos realizados nos três anos decorridos de 1810 a 1813, acrescentando não existir estabelecimento igual no “inteiro e infinito continente americano” e concluindo por proclamar que tal fundação provinha da sábia vontade do príncipe-regente e era fruto do patriotismo e luzes de um grande ministro.

Foi em 1810 que, incumbido de tanto, apresentou Varnhagen seu plano de montagem da fábrica, cujos antecedentes já eram seculares. Achou-o estreito Linhares, sempre grandioso nos projetos, não lhe dando também andamento por estar para chegar a colônia profissional entrementes contratado na Suécia.

Com Hedberg, cujo vencimento estipulado era de um conto e seiscentos mil réis anuais, vieram, além dos operários, o capitão de marinha Danckwart, de quem fala Beyer mais de uma vez na sua relação de viagem, Printzenhold, filho de um dos credores do falido, síndico de fato, no nome secretário, e o barão de Fleming, outro credor que, na frase de Vergueiro, veio ver o Brasil. Não sei se seria este o mesmo Fleming que por ocasião da aclamação de D. João VI exercia as funções de ministro da Prússia no Rio de Janeiro. O velho Varnhagen também acompanhou para Ipanema a colônia escandinava, na qualidade de procurador dos acionistas.

Apesar dessa fiscalização, que a outra particular contrariava, a administração de Hedberg foi infeliz, assevera Vergueiro que dolosa. Quando o despediram, apresentou o diretor contas de grão-capitão e, antes, pretendia invariavelmente lesar, urgido pelos credores, os interesses que

em má hora lhe tinham sido confiados. No volume segundo de seu excelente trabalho *As minas do Brasil e sua legislação*, faz o sr. Pandiá Calógeras, segundo Vergueiro e também Eschwege, a triste e detalhada história desse monumental conto do vigário.

A ser verdade quanto se conta, os operários contratados por preços altos para o governo que os pagava pela mão de Hedberg, o qual enganava a uns e a outros, eram oficiais de outros misteres guindados à posição de mineiros, serradores e serralheiros, rótulos com que foram exportados. Haverá nisto quiçá exagero, tanto de Varnhagen, que desejava encaminhar a fábrica a seu modo, que foi de certo muito superior, como de Vergueiro, amigo do primeiro. Não teria sido difícil, nem mais dispendioso trazer da Suécia operários destros para o trabalho a que se destinavam. Com quaisquer era possível fazer trapaça nas contas.

Com relação especialmente a Beyer, sua viagem ao Brasil pareceu no momento tão estranha aos que desconheciam seu objetivo real e a não supunham desinteressada, que Napion, encarregado em 1812 de inspecionar as obras, manifestava que a vinda do sueco dava que pensar não somente a ele como a muitas pessoas. Imaginava-se que, natural de uma país fabricante e exportador de ferro em larga escala, posto que agente consular de Portugal, seu intuito secreto era fazer mal por qualquer modo à fábrica de Sorocaba.

Já vimos que o fito de Beyer era menos nacional e mais pessoal. Hedberg devia-lhe bem como a Fleming e ao pai Printzenhold, e os três credores no seu interesse particular pretenderam melhorar a sorte do devedor comum insolvente. Dois, mais suspicazes ou mais sôfregos, acompanhavam-no para maior segurança; o terceiro veio mais tarde, na boa ocasião, liquidar o débito que para com ele existia.

Suum cuique... É mister ainda referir como se procedeu a esta identificação. Ao ler o artigo do sr. dr. Vieira Fazenda, o ilustrado sr. dr. Piza e Almeida, presidente do Supremo Tribunal Federal, escreveu-lhe lembrando que a "História Geral" menciona na primeira edição um sueco de nome Bayer. Achando discordância na ortografia do nome e já tendo feito apelo a terceiros no seu folhetim, o dr. Fazenda não seguiu a pista em Vergueiro, aliás citado por Varnhagen. Fê-lo com seu faro habitual e com o sucesso indicado o sr. dr. Alfredo de Carvalho, que me comunicou o primeiro resultado de sua investigação. Ao mesmo tempo o sr. Orville Derby procurava e encontrava no *Pluto Brasiliensis*, de Eschewege, a confirmação do que escreveram Vergueiro e Varnhagen. Daí, era natural passar à obra do sr. Calógeras.

E curioso que, na relação agora traduzida, Beyer não faça à fábrica de ferro de Ipanema senão referências ligeiras e impessoais, não lhe concedendo mesmo extensão maior nas suas notas do que a outras coisas que descreve. O motivo da sua viagem ao Novo Mundo, é natural que ele o ocultasse sob as observações de homem fino e culto, interessado em quanto examina e em quanto admira. O otimismo característico dessas observações fica agora plenamente explicado. Nada há como uma dívida cobrada para fazer ver tudo cor de rosa. Rio, dezembro de 1907.

(De "O Estado de S. Paulo", de 10 de dezembro de 1907)

GUSTAVO BEYER APRECIADO POR
AFONSO DE TAUNAY
(do livro *Non ducor, duco*, 1924)

Nascido em 1775 em Ystad, pequena cidade sueca, filho de um médico, Gustavo Beyer doutorou-se em medicina na Universidade de Lund, em 1797. Contratado para o serviço da armada de sua pátria, onde alcançou o posto de físico-mór, viajou bastante. Esteve em Marrocos, nos países ibéricos e no norte da Europa, tornando-se popular entre os seus compatriotas pelo ardor de sua propaganda da vacina j Jenneriana. Nomeado cônsul-geral português na Suécia, exonerou-se do serviço militar e partiu para o Brasil, onde passou um ano, de 1812 a 1813. Durante sua estada aqui, percorreu especialmente a Capitania de São Paulo, deixando-nos impressões que o Sr. Alberto Loeffgren traduziu e publicou na "Revista do Instituto Histórico de São Paulo", motivando essa publicação o aparecimento de vários artigos eruditos e elucidativos acerca da pessoa do viajante escandinavo, devidos entre outros, a Oliveira Lima, Vieira Fazenda. Goran Bjorkmann, João Wetter e ainda o próprio Loeffgren.

Ao viajante sueco não movera a curiosidade científica nem o mero amor às peregrinações dilatadas ao empreender a travessia do Atlântico. Ao Brasil viera exclusivamente para reaver dez mil cruzados que lhe devia o seu compatriota, Hedberg, que ele próprio fizera nomear para a fábrica de ferro do Ipanema, quando o governo de D. João VI mandara contratar na Suécia um mestre de forjas, conta-nos Oliveira Lima. Homem desonesto, praticou Hedberg muitas irregularidades, que o fizeram demitir-se e substituir por Frederico Guilherme de Varnhagen. Pagou, contudo, os dez mil cruzados ao médico compatriota, motivo pelo qual deixou Beyer o nosso país perfeitamente impressionado com quanto vira. "Não há como uma dívida cobrada para tudo fazer ver cor-de-rosa", comenta espirituosamente o erudito autor de *D. João VI no Brasil*. No *Pluto Brasiliensis*, contra Eschwege que Beyer se fizera o fiador de Hedberg perante os seus numerosos credores suecos para que o forjador pudesse partir para o Brasil

e refazer a fortuna. Relatando, minuciosamente, o que no Ipanema conseguira, mostra o ilustre geólogo alemão quanto abusara o sueco da boa fé do governo português.⁴⁰ Comentando esta narrativa, Calógeras chama de “velhaco” ao mestre fundidor, acusando o viajante escandinavo de parceria em suas tramóias.

Fossem quais fossem os motivos da viagem do dr. Gustavo Beyer ao Brasil, nem por isso deixam de ser interessantes os seus depoimentos de ser “os de um homem fino e culto, interessado em quanto examina e em quanto admira”. Veio o médico sueco encontrar os últimos dos nossos anos coloniais, circunstância que às suas palavras revestem de pitoresco sincronismo. E dada a escassez de apreciações estrangeiras sobre a nossa vida colonial, são as suas declarações, a nosso ver, de sumo interesse, tanto mais quanto nos parecem cheias de franqueza e lealdade, muito embora por vezes inçadas de graves deslizes como aqueles em que incidiu sobre o Rio de Janeiro e lhe foram argüidos por Vieira Fazenda.

Partindo do Rio em companhia de um jovem nobre russo, o conde Nicolau von Pahlen, “moço amável e estudioso, excelente literato e muito viajado” - parente do plenipotenciário russo junto à corte portuguesa e provavelmente do célebre assassino do czar Paulo I - chegou Beyer a Santos no dia 13 de março de 1813.⁴¹

Trazia as melhores recomendações do governo para a Capitão-General Marquês de Alegrete. A 19 chegava a São Paulo, encaminhando-se à casa do cônego João Ferreira de Oliveira Bueno, onde teve o ensejo de encontrar Martim Francisco Ribeiro de Andrada e onde recebeu a mais cordial e generosa hospitalidade.

Causou-lhe a cidade a melhor impressão, à entrada, e essa se lhe tornou cada vez mais agradável à medida que se foi demorando entre os paulistanos, que açodadamente logo o visitaram, particulares e corporações gastando o sueco muitos dias em pagar tão atenciosas visitas. Em poucos lugares era a polidez mais exagerada do que ali. Exigiam as fórmulas da boa

(40) A importantíssima obra de Eschwege citada por Taunay figura em nossa bibliografia com duas edições brasileiras, ambas em edição de Domicio Figueira Murta: a primeira, pela Editora Nacional, vol. 257 da coleção “Brasíliana”, e a segunda pela Itatiaia, de Belo Horizonte, vols. 58 e 59 da coleção “Reconquista do Brasil”, datadas respectivamente de 1944 e 1979.

(41) Referência ao conde Feodor von Pahlen, diplomata russo no Rio de Janeiro de 1812 a 1814 e depois representante de seu país nos Estados Unidos e em Munique, e ao conde Pierre von Pahlen (1744-1826), embaixador em Estocolmo, governador da Curlândia e de São Petersburgo e que em 1801 colocou-se à frente da conspiração que assassinou o czar Paulo I. Diz-se que von Pahlen esperava ficar como regente durante a minoridade do príncipe Alexandre (o futuro Alexandre I), mas foi logo afastado do poder.

educação uma série de demonstrações afetuosas ao entrar alguém em casa de outrem e ao sair. Assim também lhe era difícil recusar os oferecimentos de obséquios que a todo instante se lhe faziam. As mulheres, em geral bonitas, achou-as esbeltas e encantadoras no seu modo de ser. Jamais vira olhos mais expressivos, dentes mais bonitos e pés mais mimosos, arroubadamente declara o entusiasta das paulistas. Simples no trajar, distinguiam-se por um gosto excepcional, com flores ornado os longos e negros cabelos do modo mais pitoresco e artístico. Canto e música eram talentos comuns que revelavam com a mesma graça e facilidade, mostrando-se desembaraçadas ao piano, na harpa e violão.

Todo esse entusiasmo do viajante sueco em relação às paulistanas não o impediu, porém, de lhes notar alguns defeitos. Pareciam-lhe bastante sensíveis à lisonja e vaidosas da sua qualidade de paulistas. “Inexcedíveis nas pequenas intrigas, partilhavam com as mulheres da Europa o gosto pelas superficialidades, sendo menos constantes, contudo, do que estas”. Aos 13 e 14 anos costumam casar-se, sendo raro que alguma se conserve solteira.

Dos seis dias então passados em São Paulo guardou Beyer a mas grata recordação: “corre o tempo depressa num país onde se gozam tantas finezas”, declara. É que poucas pessoas havia sociáveis e folgazonas como o Capitão-General Marquês de Alegrete e sua mulher e o prestígio que os rodeava fizera com que na pacata e monótona cidade provinciana as festas se seguissem umas às outras: “Tive uma semana inteira de divertimentos, entre os quais devo mencionar um passeio campestre a cavalo, organizado pela Marquesa de Alegrete, da cidade até o outro lado do rio Tietê, onde passamos um dia inteiro brincando”. E as horas se haviam escoado tão rápida quanto agradavelmente, dada a alegria e boa disposição da parte feminina da comitiva, composta de “muitas senhoras casadas e moças bonitas que na cidade haviam partido, acompanhadas por um enxame de ordenanças e criados”.

Eis um depoimento de que modo absoluto contraria a pecha de extremo retarimento atribuída aos antigos paulistas. Espetáculo agradável foi a formatura geral das tropas, três ou quatro milhares de homens que se preparavam para seguir em direção ao Rio Grande do Sul, ameaçado pelos espanhóis, “merecendo os uniformes das legiões e os seus movimentos todo o aplauso, especialmente os da artilharia.” Tão garboso quanto marcial, apresentou-s o famoso regimento de cavalaria de Minas, com suas oitocentas praças magnificamente fardado, cavalgando soberbos animais, cujos arreios eram de prata: “um dos mais brilhantes regimentos do mundo”. Do campo de exercícios e acompanhando as tropas com música e bandeiras desfraldadas,

partiram em direção ao palácio damas e cavalheiros que, em número de cinquenta, tinham sido convidados para passar a tarde em companhia do Capitão-General e sua mulher. Chegando a 23 a notícia da entrada do exército russo em Berlim, perseguindo os franceses retirantes da Rússia, festejou o Marquês este faustoso acontecimento com uma representação no teatro particular que fizera construir no palácio, nele representando jovens ajudantes de ordens e algumas damas.

No dia seguinte fechou-se a série de gentilezas do Capitão-General aos visitantes estrangeiros com um grande jantar a que se seguiram um concerto e um brilhante baile.

Saindo de São Paulo no dia seguinte, a liquidar negócios com o devedor remisso, empresa em que, como vimos, foi bem sucedido, mas que lhe tomou mais de dois meses, deixou Beyer a cidade sob as mais gratas recordações.

A 5 de junho estava de volta a São Paulo, onde assistiu à festa do Divino Espírito Santo. Achou as cerimônias em extremo pitorescas, sobretudo quanto à compunção das homenagens prestadas durante o oitavário ao Imperador do Divino, revestido de riquíssimos atributos majestáticos, entre os quais uma coroa de ouro maciço e elevado peso e um cetro confiscado aos jesuítas por ocasião de sua expulsão. Pôde, então, o viajante sueco apreciar a excelente iluminação das igrejas e ouvir a ótima música que nelas se executava.

Magníficas também as cerimônias de Corpus Christi, pontificadas pelo diocesano e a que concorria o Capitão-General, cuja cadeira se postava em face da do Imperador do Divino, rodeado de brilhante corte e munido de cetro e coroa. Na assistência, numerosas se contavam as senhoras, ricamente vestidas de sedas de cores e trazendo flores em vez das mantilhas habituais, de rendas largas, usadas especialmente para a assistência ao serviço divino. Uniformizados de gala estavam os cavalheiros. À tarde grande banquete de cem talheres, oferecido pelos franciscanos, devendo os homens jantar no convento e as damas em casa do imperador, onde à noitinha todos se encontraram. No salão onde se reuniam, antes do jantar, o assunto único da conversa foi a guerra contra a França e o ódio votado a Napoleão. Ao toque de uma sineta encaminharam-se todos, bispo e Capitão-General à festa, para o refeitório conventual, onde "imensa mesa que vergava sob o peso do que podia haver de superior e melhor nesta Terra". Ouçamos, porém, as próprias palavras do viajante sueco:

"Em todos os cantos da sala havia mesas para os trinchadores; o serviço era feito exclusivamente por noviços e bebiam-se os melhores

vinhos europeus como se estivéssemos em qualquer capital do velho continente. Não posso negar que o jantar era tão alegre e livre como interessante por sua raridade e tão pouco posso negar que debaixo dessa sotainas negras, que em geral se distinguiam pela tristeza e monosprezo do mundo e dos homens, encontrei pessoas distintas, não somente instruídas, como inteiramente respeitáveis na vida social.

Depois do brinde em honra da real família de Bragança, as saúdes mais notáveis foram as em honra às nações que enfrentavam a Napoleão, a russa e a sueca, e foi para mim imensamente agradável, tão longe da pátria ter a felicidade de beber à saúde de meu rei e do grande príncipe cujos feitos foram enaltecidos. O jantar acabou com café as sete horas da noite, depois do que fomos convidados a outra sala para a sobremesa, cuja quantidade ultrapassa toda a descrição. Numa grande mesa quadrada estavam servidas todas as frutas e todos os vinhos europeus e cerveja branca e preta, o que aqui é uma grande raridade, para cuja conservação são necessárias boas adegas. No centro da mesa um figura de mulher representava a América do Sul com uma cesta de frutas numa as mãos e noutra uma pequena garrafa de vinho; ao redor dela, formando escada, havia uma porção de doces secos envolvidos em papel de cores, o que muito se prestava para presente às damas, razão porque a pobre América foi logo despojada dos doces tesouros que guardava e a presa levada para a sociedade imperial do Divino, onde serviu nos jogos de prendas, muito em voga em São Paulo”.

Não se retirou Gustavo Beyer de São Paulo sem que ainda novas festas lhe fossem proporcionadas, além das do Divino e Corpus Christi. Assim, partiu para assistir a idênticas festividades em Santo Amaro, uma numerosa comitiva do Marquês de Agrete em que havia muitas senhoras, quase todas moças. Dois dias ali duraram os divertimentos: canto, música e dança, que sempre acabavam com serenatas à noite, em honra às damas, depois de recolhidas aos seus aposentos.

Nas vésperas da partida, gratos a tantos obséquios, resolveram os dois viajantes retribuí-los, oferecendo um grande baile aos seus amigos de São Paulo, festa essa que se realizou na chácara do coronel Wartze (?), muito bem iluminada tanto interna quanto externamente. “As honras da casa conforme o uso a terra, foram feitas por duas damas: dona Maria Loureiro e dona Mariana Velasco de Portugal, que tiveram a bondade de se incumbir desta tarefa, contribuindo muito para a boa ordem de tudo”. Foi a festa magnífica, : “Os convidados, em número de cento e cinquenta pessoas, pareciam todos satisfeitos. No intervalo das danças executaram-se lindos trechos o grande compositor do Rio de Janeiro Sr. Marcos Portugal

modinhas brasileiras e outras música e cantos bonitos. À mesa foram brindados a família real, o Capitão-General e as paulistas e o baile continuou ininterrupto de refrescos até três horas da madrugada, quando os convidados se retiraram”.

Quando haveriam o viajantes de imaginar que tanto se divertiriam na pequena cidade do Sul do Brasil? A temporada ali passada lhes ia deixar indelével recordação para o resto dos dias: “As extraordinárias provas de amizade e interesse que tanto do Marquês de Alegrete como de muitos paulistas recebi, serão sempre lembrados com a máxima gratidão” Como para desfazer a recordação de tão agradáveis impressões, no próprio dia de sua saída de São Paulo, perto da Serra, um fato lhe ocorreu da maior gravidade. Um de seus criados, europeu, enlouquecendo subitamente, tentou assassiná-lo e ao companheiro de jornada para Santos, o sueco Dankwardt, a ambos ferindo muito seriamente. Beyer escapou à morte milagrosamente.

Mais honra não poderia ser a pintura que de São Paulo nos deixou o viajante. Louva-lhe o espírito do clero e do seu bispo, “homem de méritos literários, que muito contribuíra para a tolerância e os esclarecimentos notados na capitania”, a organização da milícia, o estado da tropa da linha, a agricultura e a pecuária, a enorme abundância de víveres dos mercados, frutas e legumes, cereais e tubérculos, aves e animais de corte. Nunca como em São Paulo vira população de tão belo aspecto; jamais encontrara tão poucos aleijados como ali; no entanto, era o corpo médico medíocre não só em número como em conhecimentos, excetuados os do hospital - excelente instituição - e o das tropas. Escandalizara-o, contudo, a facilidade com que os boticários medicavam, ignaros como eram. Enfim, sintetizando as suas impressões amáveis de São Paulo e sua capitania, ditirambicamente exclamava Beyer dando largas ao reconhecimento: “O estrangeiro que viaja nesta parte da América sem visitar a capitania de São Paulo, tida como o paraíso do Brasil, por causa de sua altitude, seu ar saudável e fresco, suas ricas minas e habitantes hospitaleiros, sofre uma perda real, assim como o naturalista e o filósofo, que ali encontrarão mui favoráveis elementos para a investigação e meditação”.

UNIDADES UNIVERSITÁRIAS

I – INSTITUTOS

1. Instituto de Artes e Comunicações
2. Instituto de Ciências Biológicas
3. Instituto de Ciências Exatas
4. Instituto de Ciências Humanas
5. Instituto de Filosofia
6. Instituto de Informática
7. Instituto de Letras
8. Instituto de Psicologia
9. Instituto de Teologia e Ciências Religiosas

II – FACULDADES

1. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
2. Faculdade de Biblioteconomia
3. Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas
4. Faculdade de Ciências Médicas
5. Faculdade de Ciências Tecnológicas
6. Faculdade de Direito
7. Faculdade de Educação
8. Faculdade de Educação Física
9. Faculdade de Enfermagem
10. Faculdade de Odontologia
11. Faculdade de Serviço Social

III – INSTITUIÇÕES COMPLEMENTARES

- a) Biblioteca Central
- b) Centro de Ensino
Colégio de Aplicação “Pio XII”
Colégio Comercial da Academia “São Luís”
- c) Centro de Processamento de Dados
- d) Museu Universitário

QP PUCAMP